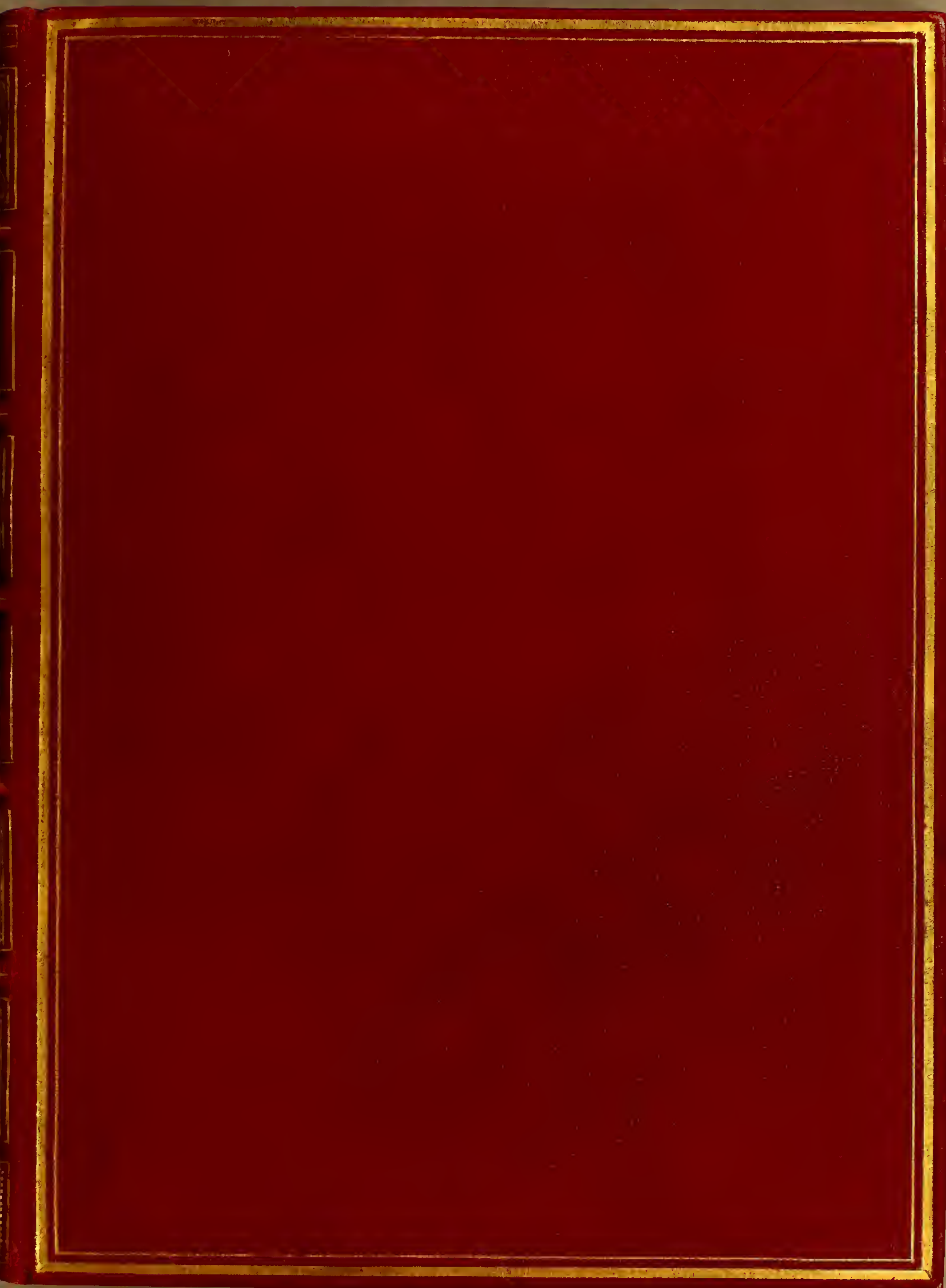
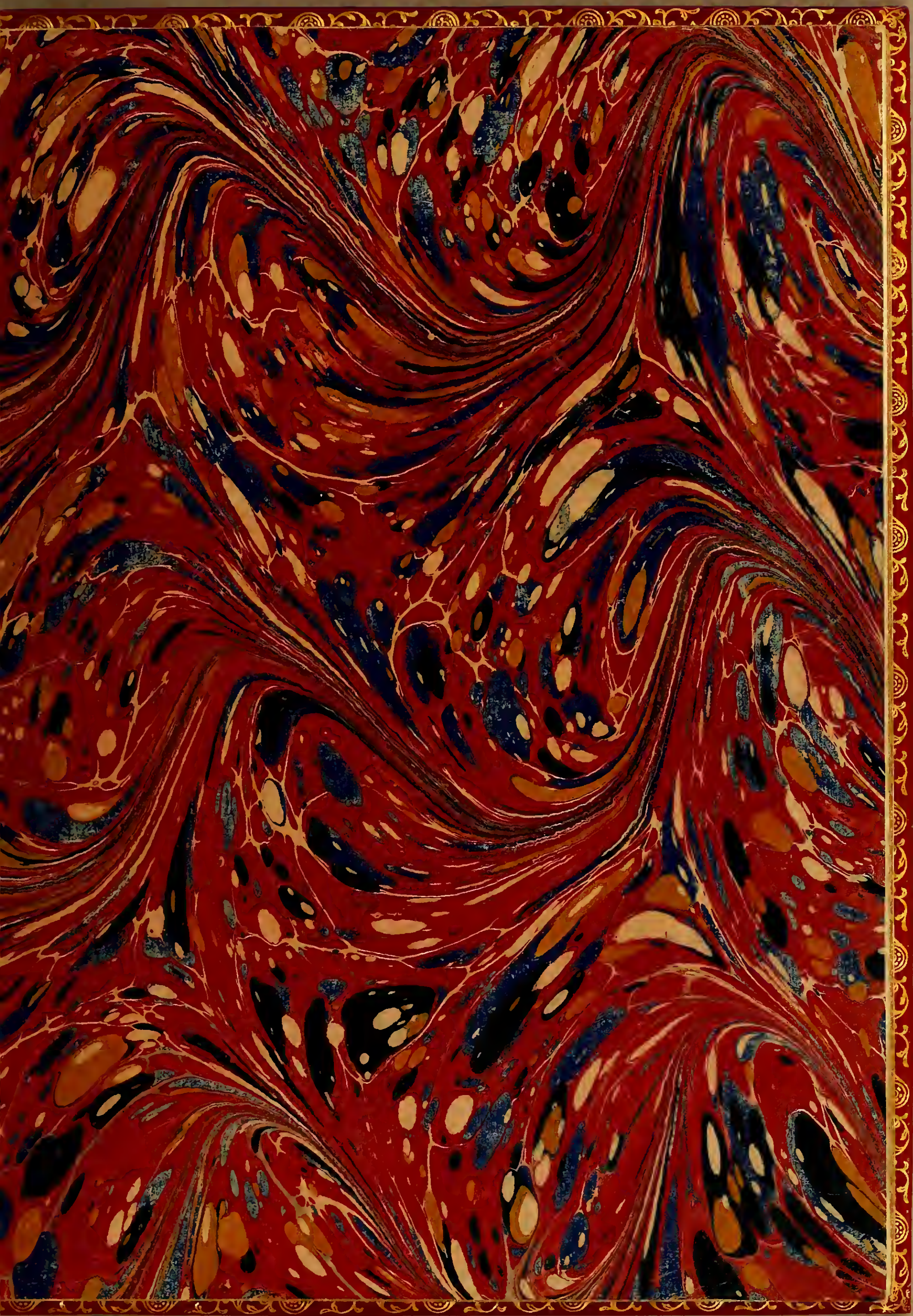
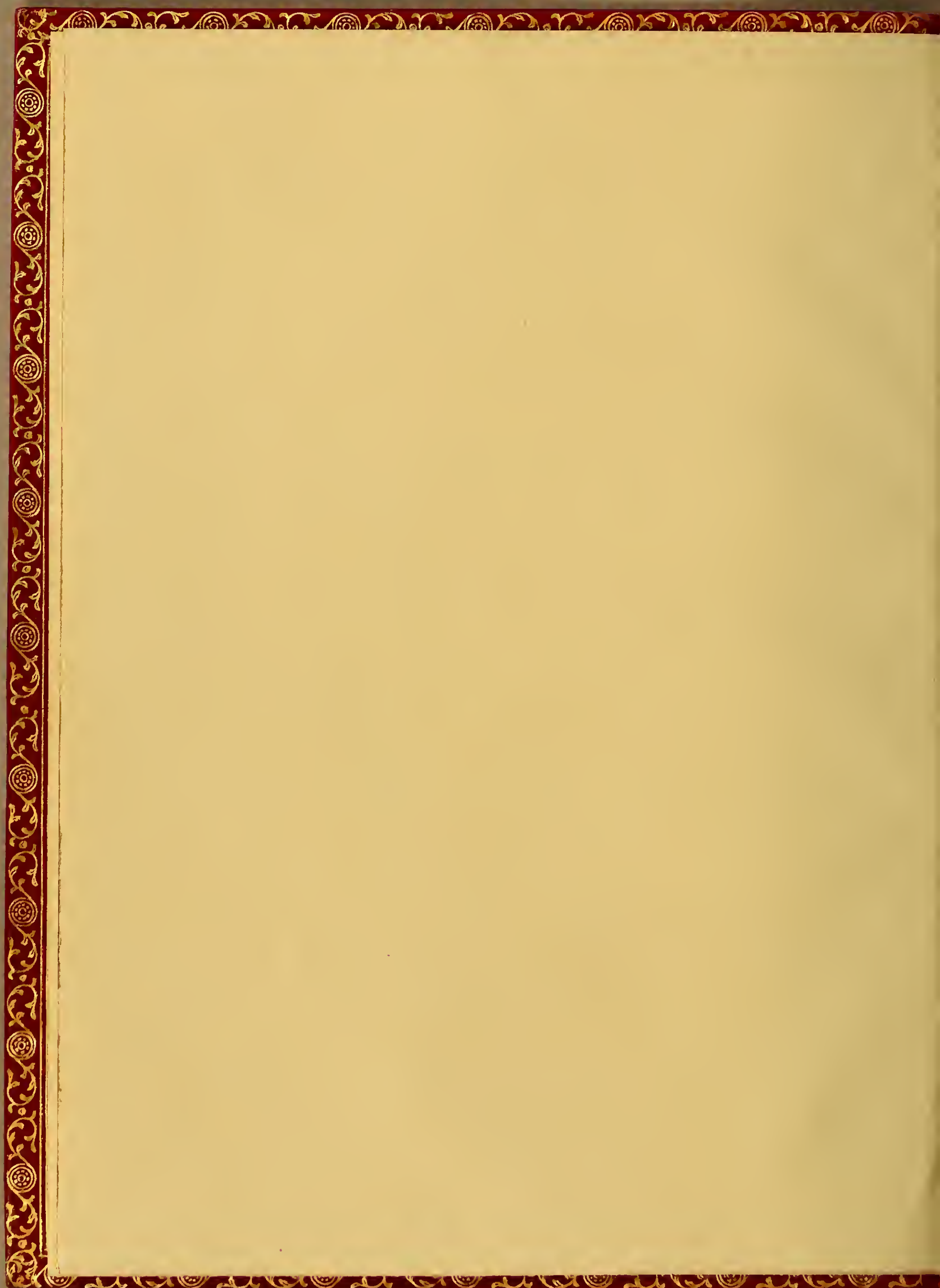






BREVE COMPENDIO, E NARRAÇAM

DO FUNEBRE ESPECTACULO, que na insigne Cidade da Bahia, cabeça da America Portugueza, se vio na morte de El Rey D. Pedro II. de gloriosa memoria, S. N.

OFFERECIDO

A' Mageſtade do Sereniſſimo Senhor

DOM JOAM V.

REY DE PORTUGAL.

COMPOSTO

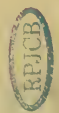
Por SEBASTIAM DA ROCHA PITTA, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto, & Coronel do Regimento da Ordenançã da Cidade da Bahia.



LISBOA,

Na Officina de VALENTIM DA COSTA DESLANDES, Impreſſor de Sua Mageſtade.

Com todas as licenças neceſſarias. Anno 1709.


RPJCB



SENHOR:

SE aquelles Gentios, Consules, & Emperadores da antiga Roma, na cegueira da sua Idolatria, amando tanto a vaidade dos seus triunfos; dentro nos mesmos sumptuosos carros, em que fazião a mayor ostentação das suas glorias, levavão hum publico Ministro, que entre os applausos, & acclamaçoens do povo lhes hia lembrando as inconstãcias da vida, & da fortuna: & se ainda hoje aquelles Principes Cismaticos, Emperadores da superior Ethiopia, q̃ apenas conservaõ algumas sombras da verdadeira luz, que recebèrão na primitiva Igreja; no primeiro dia do seu Reynado, & no pomposo apparato do seu passeyo, entre as insignias da sua grandeza levão em hũas cinzas as lembranças da sua fragilidade: hum Monarca tam Christão, como V. Magestade, em quem a Religião Catholica continuada por longa serie de Santos, & exemplares

Progenitores, com tam profundas raizes vive tam firme, & florece tam robusta; não estranharà, que no feliz ingresso do seu Imperio, entre os arcos triunfaes da sua coroação lhe ponha diante nestas memorias funêbres a representação daquillo, a que se reduzem as mayores grandezas temporaes, & as mais bem fundadas glorias humanas: tanto mais para ponderar, quanto a vida de El Rey, que està no Ceo, venerado Pay de V. Magestade, & muito alto, & poderoso Senhor nosso, assim na fortaleza de Heroe, como nas virtudes de Rey, parecia mais permanente, & se suppunha mais dilatada.

Estas ideas serão os mais seguros trofeos das vitorias de V. Magestade; & as memorias de El Rey nosso Senhor os mais formidaveis Exercitos contra os emulos da sua Real Coroa. Pois se dos famosos Heroes bastàrão sò as reliquias para afugentar, & vencer aos seus contrarios, como das armas de Aquilles fabulàrão os Gregos, do espirito de Cesar crèrão os Romanos, & do cadaver do Cid affirmão os Hespanhoes: este Mausoleo, que representa o deposito das suas Reaes cinzas, posto nos ultimos limites do Dominio Lusitano sobrara para terror dos Inimigos, & serà o mais firme

ante-

antemural da Monarquia, & atè no glorioso carro de V. Mageſtade a melhor coroa do ſeu triunfo.

Porèm, ſe não acaba quem nos ſeus Succeſſores venturoſamente vive; ainda exiſte El Rey noſſo Senhor: pois tornando em berço o tumulo (como a Ave da Arabia, que em hum proprio lugar faz ſepulcro, & ninho) morreo Fenix em ſi, para renacer Fenix em V. Mageſtade, cujo amor, & cujos attributos nos moſtrão propagada a meſma vida: de tal ſorte, q̃ com pouca differença na copia, adoramos em Voſſa Mageſtade a propria Imagem; pois ainda que o tempo variaſſe nos accidentes o objecto, não mudou na ſuſtancia a Deidade, que hoje domina em os noſſos coraçoens com dous imperios, hum pela perpetua ſaudade da ſua auſencia, outro pela viva repreſentação de V. Mageſtade. A cujos Reaes pès, como a natural centro, correm com as obediencias os affectos de todos os ſeus leaes Vaſſallos, deprecandolhe nas acções do ſegundo Pedro a vida do primeiro Affonſo; para que a promeſſa de Deos noſſo Senhor feita a eſte inſigne, & primeiro Rey Portuguez, tenha o ultimo complemento em V. Mageſtade: em quem unidas já myſterioſamẽte as Aguias

com as Quinas, possaõ voar, & tremolar no ambito do Mundo; donde reduzidas as Idolatrias, & Cismas a huma sò Religião, reconheção no Romano Pontifice huma sò Cabeça, & no Imperio de V. Magestade huma sò Monarquia. A Real Pessoa de V. Magestade guarde Deos muitos annos. Bahia 3. de Dezembro de 1707.

Sebastiaõ da Rocha Pitta.

Em

Em louvor do Author.

SONETO.

MOrre Pedro; oh que dor! mas he mentira,
Quando hoje a voſſa penna aſſi diſcorre,
Porque renace Pedro, quando morre,
Do Tumulo fazendo berço, & pira.
Morto està, mas por fama hoje reſpira
Vivo em nòs, quando em ſi na Parca encorre,
E quanto mais a ſeu Occaſo corre,
Tanto mais do Occidente ſe retira.
E ſe a morte he qual barbara homicida,
Que ſepulta dos homens a memoria,
(Mayor morte da fama eſclarecida;)
Pois a Pedro hoje dais fama notoria,
Neſſa morte vos deve a vós a vida,
E à voſſa penna deve a ſua gloria.

De Franciſco de Souſa de Almada.



Ad librum, & ejus Authorem

EPIGRAMMA.

FUnera describens Petri, post fata, Sebaste,
In libro Petrum vivere posse doces.
Ille quidem Parcæ potuit succumbere diræ,
Sed tua non possunt hæc monumenta mori.
Ille quidem sensit mortalia fata, supersunt
Funere multa tamen non pereunda tuo.
Eximis imperio mortis cum funere Petrum,
Mortuus ut vivat tempora longa, facis.
Ingeniosè quidem, nam dum illum morte redemptas,
Æternum quærit nomen, & ille tibi.



Ao

Ao mesmo assumpto.

SONETO.

NEsse livro, Senhor, que compuzestes,
A vossa fama tanto dilatastes,
Que quando a vida a Pedro acrecentastes,
Immortal nome a vosso nome déstes.
Elle jà vive eterno nas celestes
Esferas de diamante; mas ficastes
Vós cà na terra, que o eternizastes
Na memoria dos seus a que escrevestes.
Logre pois Pedro a gloria donde assiste,
Mas que entre ambos esteja dividida
Hoje muy justamente a sorte ordena;
Porque conheça o Reyno sempre triste,
Que quando à gloria o sobe a sua vida,
Na terra o eterniza a vossa penna.

Ao meſmo aſſumpto.

DECIMA.

AO prelo heroicamente merecidos
Da Braſilica terra a mais amante
Soberba a fama em tal compendio cante
Os ſuſpiros do peito enternecidos;
Ia neſtes ſem primeiros conhecidos
Ao Monarca ſegundo em nome Auguſto
Tributos deſſe clima ſempre aduſto
O prelo a eternizallos disvelado
Se fatiga, pois deixa eternizado
Heroico o ſeu gemido ja ſem ſuſto.

Em

Em applauſo do Author no ſentimento que offerece às memorias do Sereniſſimo Senhor Rey D. Pedro II.

SONETO.

DEſſa, que guarda marmore violento,
Memoria deſſe Rayo Luſitano,
Animais hoje o pó mais ſoberano,
Contra a barbara ley do eſquecimento.
Fez eſpelho eſſe ſabio Monumento
Das lagrimas, que chora o deſengano,
E compoz-ſe ao criſtal o ſer humano,
Ferido pela luz do entendimento.
Neſta imagem da Vida tranſparente
Introduz eſſe Engenho compaſſivo,
Aquella alma diſcreta, com que ſente.
Viva por vòs com paſmo ſucceſſivo,
Pois lhe dais propriedades de vivente,
Pondo na cinza Auguſta o ſenſitivo.

De Luis Botelho Froes de Figueiredo.

Ao Author.

SONETO.

A Maquina radiante, que envejoſo
Deixou o Firmamento, he tam luzida,
Que mais que dor na morte, he gloria a vida
Do Monarca do Luſo generoſo.
Cada Eſtrella do ſolio luminoſo,
Da Esfera refulgente foy trazida:
Deixou de ſer a penna enternecida,
No fauſto ſe tornou o laſtimoſo.
Tanta gloria ſe deve à voſſa hiſtoria,
Que outra alma hoje infundis no Monumento,
Que o Cadaver levou a nova alteza.
De ſuſpenſo ſe eſquece o penſamento,
Das laſtimas infauſtas da memoria,
Elevado nas pompas da grandeza.

De Felix Machado.

Ao

Ao Author.

SONETO.

SE em cauſa tam funeſta, & tam violenta
Se deixa permitir alivio, ou cura,
De algum modo na dor no lo aſſegura
A douta penna, que hoje a repreſenta.
Quando da magoa deſcrever intenta
Triſte ſim, mas luzida arquitectura,
Tudo quanto eterniza na eſcritura,
Parece que da laſtima ſe izenta.
Conſeguio, que sòmente poſta em riſco
Foſſe digno ſuffragio a Mageſtade,
E naõ menos igual padrão a hiſtoria,
E nos ſeculos eterno eſſe obeliſco,
Que nos meſmos officios da Piedade
Caiba tanta liſonja da memoria.

De Luis do Couto Felix.

Ao

Ao Author.

SONETO.

EN tu pluma diſcreta, y luzimiento
Que de Pedro ſe apuran en la muerte,
Se mitiga, mirando el dolor fuerte,
En cenizas ardor, en polvo aliento.
Parece que percibe de ſu accento
Celeſte voz por eco de ſu ſuerte,
Quando en tanta elevada pompa advierte
Que ſus luzes le roba al Firmamento.
Tan ſoberbia eſſa Maquina ſe admira,
Que con todo el aplauſo, que te aclama,
A competirle con ſu buelo aſpira;
Pues paſſando a eſplendor lo que fue llama,
Ocupa con lo altivo deſſa Pira
Los immenſos eſpacios de tu fama.

Do Viſconde de Aſſeca.

Em

Em louvor do Author.

SONETO.

RAro Enigma de Engenho ſublimado,
De Engenho, & de Valor raro portento,
Em quem he tam valente o entendimento,
Em quem he tam ſutil o braço armado.
Unindo juntamente a Marte irado,
Mercurio da eloquencia documento,
O que em folhas louvais muy nobre, & attento,
Com armas defendeis muy forte, & ouſado.
Matais à eſpada em Marcio deſafio,
Dais vida com a penna neſte empenho,
E naõ ſey por qual fica o ſenhorio:
Mas de ambas igual vejo o deſempenho,
Porque venceis na eſpada a todo o brio,
E ſuperais na penna a todo o engenho.

Ao Author.

SONETO.

JA' nobre Sebaſtiaõ, reconhecida
Luſitania te eſtá, tuas glorias ſoma,
Pois por ti eſta dor, que os bronzes doma,
O deſafogo tem de bem ſentida.
Jà de Pedro à preſença appetecida,
Em tua penna nova imagem toma,
Se a douta narraçaõ Panchayo aroma,
Na ſepultura lhe fomenta à vida.
Dè pois a Fama induſtria, dè verdade,
Eſſe diſcreto Epitome, & pregoe
Da Luſa gente a eterna ſaudade;
Pois porque em todo o mundo heroica ſoe,
Nas letras lhe dàs vozes com que brade,
Na penna lhe dàs azas com que voe.

Al miſmo Autor, aviendo a coſta ſuya embiado deſde America a Europa, para en ella ſe daren a la eſtampa, las obras funebres, que ſe avian hecho en la funeral pompa, con que en aquel nuevo Mundo ſe celebraron las Exequias del invicto Monarca Don Pedro II.

SONETO.

EN vano el macilento horror, en vano
El de la muerte pavoroſo olvido
Sepultar la memoria ha pretendido
Del inclito Monarca Luſitano:
Porque ſu nombre, ſiempre ſoberano,
Por tu induſtria dòs vezes renacido,
De la Parca ſe admira redemido,
Si haſta aqui por ſu aliento, oy por tu mano.
Eſſe metrico llanto, y feral pompa,
Que America, con partos màs fecundos,
Rinde a ſus aras, vota a ſus imperios,
Mejor reſuena en ſu animada trompa:
Que ſi ſu dieſtra dominó dòs mundos,
Dòs ſu fama por ti mide Hemiſpherios.

De Ioſeph Soares da Sylva.

A's Exequias do Senhor Rey D. Pedro o II. que a Bahia celebrou, eſcritas, & dadas à eſtampa pelo Coronel Sebaſtiaõ da Rocha Pitta.

SONETO.

NEſſa pompa fatal, que vãa numéra
Tantos lutos, & luzes para ornato,
Avulta mais a dor que o aparato,
Arde o affecto mais que toda a cera.
Aſſim obra o Braſil, que o deſeſpera
A morte do ſeu Rey: & fora ingrato,
Se de hum tal ſentimento no retrato
Com menores exceſſos procedera.
Eſta pois fina acçaõ jà permanente,
Reduzida por vós a alta hiſtoria,
Que admira no elegante, & no eloquente,
Fará que o Reyno todo, em mayor gloria
De cauſa tanta, ſinta eternamente
Forçado da ſaudade, & da memoria.

Do P. Ioaõ de Almeyda, Capellaõ das Freyras de S. Martha.

A'

A' grandeza do Tumulo com que a Cidade da Bahia celebrou as Exequias do Senhor Rey D. Pedro II.

SONETO.

Esse Tumulo Augusto persuade
Naõ horror, mas postrado rendimento,
Porque as cinzas que esconde o monumento,
Estaõ resuscitando a Magestade.
A alumiar de Estrellas a saudade
Se eleva, & contra a fè do sentimento,
Atè deixa a memoria do tormento,
Servindo de razaõ para a vaidade;
Parece que excedidas as estrellas,
Unir ao corpo o espirito procura,
Jà sem receyo do poder da sorte;
E que altamente collocado nellas,
Lhe està restituindo a sepultura
O mesmo ser, que lhe roubou a morte.

De Iulio de Mello de Castro.

Ao Author do livro , em que se descrevem as Exequias do Senhor Rey D. Pedro II.

SONETO.

SO vós pudereis, descrevendo a historia,
Que foy das nossas magoas instrumento,
Deixar na elevação do entendimento
Esquecidas as queixas da memoria;
Com tanto acerto em pena tam notoria,
Remontais altamente o pensamento,
Que ouvido, inda que grande, o sentimento,
Tudo o que fora lastima, he sò gloria;
Ennobrecestes o discurso tanto,
Que quasi nos acertos que derrama,
Compete de elevado a Magestade;
E porque o applauso fosse todo espanto,
Estais atè formando a voz da fama,
Desse mesmo silencio da saudade.

De Iulio de Mello de Castro.

LI-

LICENÇAS

Do Santo Officio.

O Padre D. Antonio Caetano de Souſa, Qualificador do S.Officio, veja a Narraçaõ das Exequias de que trata eſta petição, & informe com ſeu parecer. Lisboa 15. de Fevereiro de 1709.

Moniz. Haſſe. Monteiro. Ribeiro. Rocha. Fr. Encarnação. Barreto.

ILLUSTRISSIMO SENHOR.

POr ordem de V. Illuſtriſſima vi eſte livro, de que he Author Sebaſtião da Rocha Pitta; em que ſe deſcreve o funebre apparato com que na Cidade da Bahia, Metropoli da America Portugueza, ſe celebrârão as Exequias do Senhor Rey Dom Pedro II. que Deos tem em gloria; & ainda q̃ jà parece fóra de tempo a preſente lembrança, (pelo ſuave dominio de El-Rey noſſo Senhor D. João o V. que Deos guarde, fazer menos ſaudoſas aquellas auguſtas memorias) a diſtancia de huma a outra parte do mundo dà boa ſa-

tisfação da demora. E para que dure na eternidade ſempre viva a fineza dos ſeus vaſſallos, pertẽdem agora os daquella mayor parte do mundo, perpetuar por meyo do prelo as heroicas virtudes daquelle grande Monarca, deſcritas nas emprezas, & nas inſcripçoens, com que foy adornado o Mauſoleo, que na Sé daquella Cidade ſe lhe levantou, & com mais erudição em o Sermão daquelle famoſo Orador o Padre Domingos Ramos da Companhia de Jeſus, digno pelo ſeu raro talento de tam elevado aſſumpto. No argumẽto deſte livro moſtra ſeu Author com elegancia o amor que aquelles vaſſallos tem aos ſeus Auguſtos Monarcas; & em tudo o que contèm, não acho couſa que repugne à noſſa ſanta Fè, ou bons coſtumes, antes me parece digno de que V. Illuſtriſſima lhe dè a licença que pede. Lisboa na Caſa de N. Senhora da Divina Providencia 21. de Fevereiro de 1709.

D. Antonio Caetano de Souſa, C. R.

O Padre M. Fr. Manoel da Eſperança, Qualificador do S. Officio, veja a Narração das Exequias de que trata eſta petição, & informe com ſeu parecer. Lisboa 22. de Fevereiro de 1709.

Moniz. Haſſe. Monteiro. Ribeiro. Rocha. Barreto

ILLU-

ILLUSTRISSIMO SENHOR:

POr ordem de V. Illuſtriſſima vi eſte livro, que trata do Funebre Eſpectaculo, que os Americanos Portuguezes erigirão (na Metropoli da Cidade da Bahia) ao ſeu, & noſſo muito amado Monarca ElRey D. Pedro II. noſſo Senhor, que Deos tem em gloria, Author Sebaſtião da Rocha Pitta. E ſe Alexandre Magno (como diz Plinio) entre os deſpojos, que tomou a ElRey Dario, foy hum precioſo cofre todo lavrado de fino ouro, & imbutido de pedras precioſas, a fim de meter nelle os livros de Homero, para moſtrar o muito que eſtimava tam ſoberano theſouro: *Alexander Magnus (capto inter ſpolia Darij Regis ſcrinio, quod erat auro, gemmis, ac margaritis pretioſum) libros Homeri, quos tanto dignos loculo exiſtimabat, incluſit.* Com muita mayor razão devia eſte livro ſer guardado em o mais rico cofre, que houveſſe em todo o mundo, não ſó por razão da materia de que trata, ſenão por razão da fórma, & grande eloquencia com que eſtá eſcrito. Nelle (como em eſpelho) verão todas as Naçoens o grande amor, que os Americanos Portuguezes ſempre tiverão, & tem aos ſeus Reys; porque ſe a melhor prova do amor (como diz S.Gregorio Papa) ſe conhece pelo que ſe diſpende com o bẽ amado: *Probatio dilectionis executio eſt operis;* não ſey eu que haja no mundo Nação alguma, que tenha moſtrado para com os ſeus Monarcas amor mais agigantado, que os noſſos Americanos Portuguezes; aos

quaes (para que ficassem eternizados na nossa lẽbrança) deviamos levantar infinitas estatuas , como fizerão os Athenienses ao seu Demetrio Phalero. A Coroa deste livro he hum Sermão funebre, que prègou o M. R. P. M. Domingos Ramos, da doutissima , & santissima Familia da Companhia de Jesus , singular engenho dos nossos tempos , & mayor honra da America Portugueza, cuja imagem, & retrato (para que em nenhum tempo cahisse da nossa lembrãça, em sinal da grande estimação, que todos os Portuguezes faziaõ de suas prendas) se devia pôr naõ só em as Bibliotecas da Companhia, senaõ tambem em as de todo o mundo: como Septimio fez à imagem do seu Marcial, & Asinio Polio à de Varro. Tudo quanto se contèm neste livro, he ajustado com os dogmas da nossa Fè, & bons costumes, & assim entendo, que póde sahir a luz. Este he o meu parecer , V. Illustrissima disporà o que for servido. Carmo de Lisboa 7. de Março de 1709.

Fr. Manoel da Esperança.

VIstas as informaçoẽs, pódẽ-se imprimir as Exequias de que trata esta petiçaõ , & impressas tornaráõ para se conferir , & dar licença que corraõ , & sem ella naõ correráõ. Lisboa 8. de Março de 1709.

Hasse. Monteiro. Ribeiro. Rocha. Fr. Encarnaçaõ. Barreto.

Do

Do Ordinario.

POdem-se imprimir as Exequias de que trata a petiçaõ, vista a licença do Santo Officio, & depois de impressas tornem para se conferir, & sem isso naõ correráõ. Lisboa 21. de Março de 1709.

B. de Tagaste.

Do Paço.

MAnda ElRey nosso Senhor, que Antonio Rodriguez da Costa, Cõselheiro Ultramarino, veja este livro, & ponha nelle seu parecer. Lisboa 11. de Março de 1709.

Oliveira. Carneiro. Lacerda. Botelho.

SENHOR:

VI este livro composto por Sebastião da Rocha Pitta, Fidalgo da Casa de V. Magestade, como V. Magestade foy servido ordenarme, o qual contèm huma elegante descripção do magnifico apparato, & demonstraçoens com que o Governador, & Capitão General do Estado do Brasil Luis Cesar de Menezes, juntamente com o Arcebispo, Clero, & Nobreza da Cidade da Bahia celebrou as Exequias à memoria de

ElRey

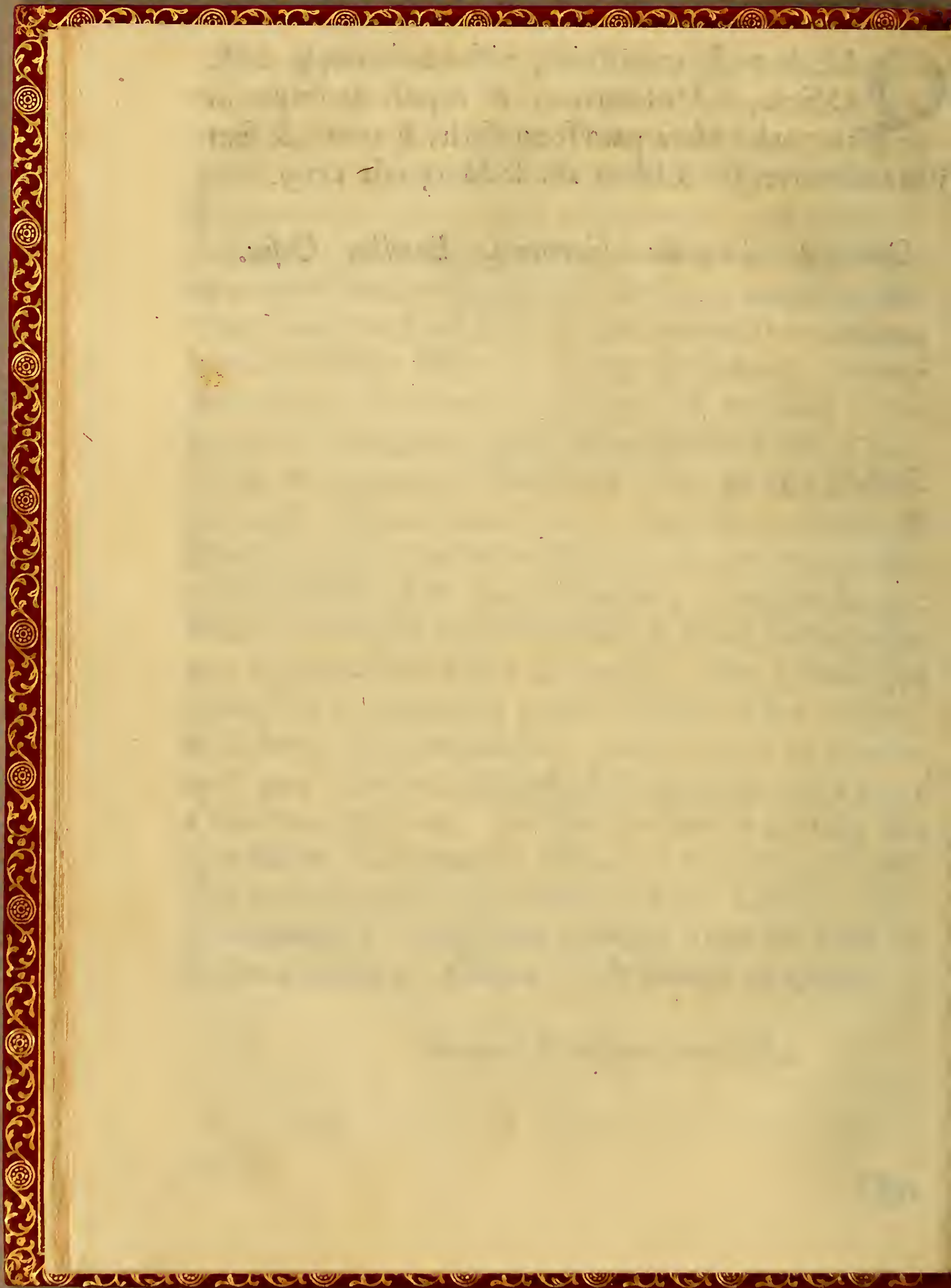
ElRey Dom Pedro II. nosso Senhor que está em gloria; & hum douto Sermaõ que nellas prégou o Reverendo Padre Domingos Ramos da Companhia de Jesus: & me parece o livro não só digno da licença que pede seu Author para o imprimir, mas que convirá muito que se faça publico por este meyo, para que na magnificencia do apparato com que naquella Metropoli da nova Lusitania se solemnizàrão as ultimas honras do nosso Monarca, & nas verdadeiras demonstraçoens de sentimento que aquelles vassallos derão naquelle fatal golpe, se veja com evidencia que a fidelidade Portugueza, & o amor com que esta fidelissima nação ama aos seus Principes, he tam constante, & invariavel, que nenhũma distancia, & nenhuma differença de clima, por mais estranho, & apartado que seja, he poderoso a diminuirlhe o ardor do seu affecto, & a grandeza da sua veneração; antes parece que quanto os Portuguezes mais se afastão da sua origem, & do berço em que nascèrão, tanto mayor he o obsequio que tributão à Magestade, imitando nesta parte a natureza dos rios, que quanto mais se apartão das suas fontes, tanto mayor tributo, & veneração rendem ao Oceano donde recebèraõ o ser. Este he o meu sentimento, V. Magestade mandará o que for mais do seu Real serviço. Lisboa 15. de Março de 1709.

Antonio Rodriguez da Costa.

Que

QUe ſe poſſa imprimir , viſtas as licenças do S. Officio, & Ordinario , & depois de impreſſo tornará à Meſa para ſe conferir, & taxar, & ſem iſſo naõ correrà. Lisboa 18. de Março de 1709.

Oliveira. Lacerda. Carneiro. Botelho. Coſta.







Uando o Lusitano Sol Monarca do Emisferio Portuguez, de quem recebiaõ benigna luz atè os mais apartados Astros da sua dilatada Monarquia, depois do horrendo eclipse de huma perigosa enfermidade, pareceo que livre dos mortaes deliquios voltava com vigorosos rayos para o soberano Oriente do seu Trono; deixou a brilhante Esfera do seu Imperio ao mais digno substituto das suas luzes, & caminhando apressadamẽte para o seu occaso; fez do Real Templo de S. Vicente o seu sepulcro. Lugar, que hoje os Portuguezes, como centro da sua dor, consagraõ à sua saudade com mais obsequioso culto, que os primeiros Lusitanos em outro tempo, quando adorando ao Sol material, o Cabo de S. Vicente, em que entendiaõ que elle se sepultava, como a Altar da sua Idolatria, constituírão sagrado da sua veneração.

A noticia infausta desta fatal ausencia, que em termo breve enlutou de sombras os remotos espaços do Orbe Portuguez, chegou a esta Bahia, a mais estendida Zona do seu dominio, em huma esquadra de

Naos, em que Lisboa ſobre o mar de ſuas Conquiſtas nos communicou as correntes do ſeu pranto; & crecendo com as noſſas lagrimas, formárão outro mais immenſo mar de magoas, & ſaudades.

Principiou o univerſal ſentimento neſta Cidade, primeiro com intimos extremos, & logo com publicas demonſtraçoens, pelo General Luis Ceſar de Menezes: aſſim por ſer o primeiro Movel deſte Eſtado, como Governador, & Capitão Geral delle; como porque ſendo hum dos mayores vaſſallos da Coroa Portugueza, no ſentimento da morte do ſeu Monarca ſe achava tam empenhado pela grandeza da ſua Caſa em Portugal, como pela obrigação do ſeu cargo no Braſil. E diſpondo o funebre eſpectaculo, ſe pregoàrão os lutos, ſe fechàrão os Palacios, & ſe ſuſpendèrão por muitos dias os Tribunaes: em cujas primeiras ſucceſſivas noites, paſſando a vehemencia da dor já das creaturas racionaes às inſenſiveis, ſe moſtrárão ſentidas as pedras, nas inexpugnaveis Fortalezas pelos ecos dos tiros, & nos Templos ſagrados pelo ſom dos metaes, que com inceſſantes vozes penetrando os mais remotos horizontes, davaõ do noſſo ſentimento militares, & Eccleſiaſticos ſinaes.

As milicias (cujas operaçoens naõ podem ſuſpenderſe, por conſiſtir na ſua vigilancia a ſegurança das Praças) caminhavaõ aos ſeus ordinarios poſtos, rendidas, & ſem adorno as armas; roucos, & com horror os tambores; envoltas, & a raſto as bandeiras: compe-

petindo na militar triſteza com as Cohortes Romanas nas mortes de Auguſto, & de Germanico, & com as proprias Portuguezas nas de Viriato, & de Sertorio, ſeus Monarcas, & Capitães.

Seguio-ſe logo o horrivel acto, com que o Magiſtrado da Camera deſta Cidade (tam zeloſo do ſerviço dos ſeus Reys, como leal às ſuas memorias) cõpoſto eſte preſente anno, como ſempre, de muy dignos Vereadores; cubertos os corpos do luto que veſtiaõ os coraçoens, em cavallos ajaezados funebre, & luctuoſamente, pelas mais frequentadas praças, & mais publicas ruas da Bahia, ſegundo o eſtylo Portuguez, quebrava os Reaes Eſcudos: a cujo lamentavel ruîdo reſpondia com laſtimoſos ecos o clamor popular.

Depois de algum intervallo de tempo, de que neceſſitou a fabrica grande do mageſtoſo Tumulo, ſe fizeraõ as Reaes Exequias. Eſta funebre, & ſumptuoſa maquina ſe encarregou ao grande cuidado, & muita intelligencia do Secretario do Eſtado Gõçalo Ravaſco Cavalcanti & Albuquerque, Fidalgo da Caſa de Sua Mageſtade, Cavalleiro profeſſo da Ordem de Chriſto. Tinha ſetenta & hum palmos de alto, & de largo trinta & oito: era de arquitectura Dorica, de obra pyramidal, & como oitavada. Cada hũa das faces principaes tinha a largura de trinta palmos, & entrava com quatro por cada lado nos oitavos dos cantos, cujas faces ficavaõ com oito palmos

de largura cada huma. Formava-se o primeiro corpo em hum plinto de hum palmo de alto, sobre que hia hum degrao de palmo & meyo, que recebia todas as quartelas: as quaes tinhaõ treze palmos de alto, terminando em hum cornijamento repartido em cornija, frizo, & arquitrave, na fórma da arquitectura Dorica, sobre o qual corria huma varanda de balaústes em roda. Em cada huma das quatro faces principaes havia quatro quartelas, duas no meyo; & duas nos cantos: entre as do meyo se formava em cada frente huma gentil portada, por dentro da qual estavaõ em perspectiva tres vistosos arcos: entre as quartelas dos cantos hia outra quartela, recebendo todas a obra, que lhes ficava imminente na fabrica de cima. Nos espaços que havia entre as quartelas dos meyos, & as dos cantos, se viaõ dous proporcionados paineis em cada frente, cõ dous resaltos de palmo em quadro por cada parte. Nos fechos das quatro portadas deste primeiro corpo, em luzidas tarjas se liaõ com letras de ouro escritos os seguintes versos Latinos.

No primeiro:

Ter Magnus, ter Maximus
Rex nuper Lusitaniæ;
Heu! quantus est in Tumulo
Ter parvus, ter minimus!

No

No segundo:

Da Petro, quisquis ades,
Da nunc perennes lacrymas:
Ni fleas, heu! Caucaseâ
Tu durior es petrâ.

No terceiro:

Secundus justè Petrus
Ubique justa postulat:
Regum nulli Secundus,
Et Pietate Primus.

No quarto:

E quatuor Orbis partibus
America dolentior
Has Petro mixtas exhibet
Orbe ex utroque lacrymas
Lusitanas, & Brasilas.

Sobre este corpo se levantava o segundo com oito Doricas colunas, duas em cada hum dos cantos, assentadas sobre reprezas de sete palmos: & tinhaõ vinte & hum de alto, com capitel, acabando com hum cornijamento da mesma ordem de arquitectura, repartido em cornija, frizo, & arquitrave. Em roda delle cor-

ria huma banqueta de balaústes : & em correſponden-cia de cada coluna hia hum pedeſtal de tres palmos de alto , que recebia huma pyramide de quinze. Sobre eſte cornijamento deſcanſava o zimborio, ou cupula, de obra de gomos, com quinze palmos de alto , rematando em huma peanha de quatro & meyo. Junto às colunas pelas faces principaes hiaõ os pilares, que formavaõ hum arco abatido em cada face, cujo vaõ tinha de alto vinte & ſete palmos, & de largo dezaſeis.

Neſte capaciſſimo vaõ ſe formava o corpo do meyo, da meſma obra, como porçaõ do primeiro , & ſe aſſẽtava em hum degrao de dous palmos & meyo , tendo nove de alto. No meyo de cada hũa das ſuas quatro faces hia huma bem formada porta com ſeu ajuſtado remate entre duas quartelas , acabando em hum cornijamento de palmo & meyo, ſobre o qual ſe levantavaõ dous degraos, hum de tres , outro de dous palmos & meyo, onde ſe aſſentava hum Trono de oito , em que eſtava a Urna, ou Tumulo , que repreſentava o depoſito do Real Cadaver.

Compunhaſe por dentro a meya laranja do zimborio de preto com paſſamanes de ouro, & do meſmo ſe veſtia eſte corpo, que ficava no vaõ das colunas , & arcos ; tendo as quatro portas delle cortinas de ló negro com flores de ouro. Todas as outras porçoens deſta grãde maquina ſe cobriaõ de branquiſſima , & bem lavrada cera, a mayor parte dourada, ſobre negro.

Nos

Nos arcos interiores formados em perſpectiva, q̃ ſe viaõ pelas quatro portadas do primeiro corpo, eſtava a Bahia por deſtriſſimo pincel repreſentada em quatro Imagens, em que ſe viaõ diſtintos effeitos naſcidos de huma ſô relevante cauſa: em copioſas lagrimas provocava prantos: em fermoſo extaſe infundia aſſombros: em ſuave laſtima perſuadia ſaudades: & em acção muda inculcava reſpeitos. Neſtes quatro amoroſos impulſos, repartindo as Ideas, multiplicava as dores; que por innumeraveis não podendo caber em hum ſó traslado, foy preciſo dividirlhes, ou acreſcentarlhes as copias.

Nos eſpaços, que entre as colunas formavão os oitavos dos cantos, ſobre reprezas de cinco palmos de alto, que aſſentavão em pedeſtaes de ſete, eſtavão cõ as cabeças recebendo os capiteis daquelle vão, & como ſuſtentando a pezada cupula, as quatro partes do Mundo, que cinge o Dominio Luſitano; tendo cada qual aos pès na fórma de hum bruto o mais generoſo parto, q̃ em cada hũa dellas produz a Natureza: hũs, & outros ſimulacros tam deſtramente lavrados, que a ſer a materia pedras, & metaes, pareceriaõ as eſtatuas de Fidias, & Praxiteles. Pelo valor Portuguez ſe via no Leaõ domada a fereza da Africa: pela ſua Religião, illuminada no Elefante a cegueira da Aſia: pela ſua politica, domeſticada no Tigre a barbaridade da America: & pela ſua ſoberania, ſojugado no Touro o poder da Europa. Todas moſtravão ſentir

o eſtrago, que a morte em hum ſó golpe por ellas repartio : podendo admirarſe a grandeza deſta ruína, que chegou a encher o ambito do Mundo ; com mais razão, que a de Pompeo por haver occupado tres partes delle. Cada huma das quatro partes do Mundo tinha em hum braço hum eſcudo, ou tarja, em que ſe vião em letras de ouro os verſos Latinos ſeguintes.

Na Europa :

Europa Tauro amabilis,
Stratos tauros commemorans
A' Rege valentiſſimo ;
Non fictis modò lacrymis
A' morte ſtratum queritur :
Heu vires validiſsimæ,
Imbecillæ, & invalidæ !

Na Aſia ;

Torvus, qui geſtat Aſiam,
Regemque adorat, Elephas,
Dominatricem cogitat,
Illo obeunte, abjicere.
Quo ſtante ſtabat India,
Heu ! ne cadente decidat !

Na Africa:

Ad luctum venit Africa
Nuda, & ore nigerrima,
Et cum Leone rabido
Rugit, hoc Rege mortuo.

Na America:

E' quatuor Orbis partibus
America dolentior
Has Petro mixtas exhibet
Orbe ex utroque lacrymas
Luſitanas, & Braſilas.

Nos pedeſtaes, & reprezas, em que eſtavão aſſentadas eſtas figuras, quatro caudaloſos Rios ſe deſcobrião, cada hum em aquella Regiaõ por onde leva o curſo natural das ſuas correntes, todos ſulcados das proas Portuguezas, & dominados da ſua fortuna: tam vivamente fingidos, ou retratados, q̃ não carecèrão dos pinceis de Zeuxis, & de Apelles. Parecia correr na Europa o Tejo tam triſte, que com a turbação dos ſeus criſtaes eſcurecia o ouro das ſuas areas: o Indo tam ſentido na Aſia, que com a deſordem das ſuas aguas deſcompunha as flores das ſuas margens: na Africa o Zayre tam alterado, que com o impeto das ſuas correntes fugia da extenſaõ dos ſeus braços: na

Ame-

America o Pará tam perplexo , que com a confusaõ das suas ondas impedia a respiração das suas bocas. E parecião ter todos linguas para a queixa , & olhos para o pranto ; porque sendo insensiveis , fez nelles a propriedade dos retratos, o que a serem racionaes obrára a força dos sentimentos.

Nos meyos dos quatro arcos das faces apparecião, como por fechos, ou remates delles , em quatro tarjas os Reaes Escudos Portuguezes, temidos em todos os lugares, & naquelle mais respeitados, que os Escudos Anciles no Templo de Marte.

Por cima da cornija do zimborio, em correspondencia das tarjas, se vião quatro Ciprestes : planta, que introduzio nos sepulcros Attalo Rey de Pergamo ; porque, como a vida humana , huma vez cortada não torna a renascer.

Nos oitavos dos cantos , que formava a mesma cornija , entre as pyramides , & sobre as quatro partes do Mundo, se descobrião luctuosos , & como rendidos os Estandartes Lusitanos , que já triunfantes , & alegres se virão nellas repetidas vezes arvorados : estando alli como despojos do alento , & da grãdeza, os mesmos que forão sempre trofeos do valor, & da fortuna.

Da meya laranja da cupula pendia com franjas de ouro hum docel de purpura, (cor, que nos Reys nam póde destingir a morte) sendo do mesmo o panno que cobria o Tumulo , & o coxim em que sobre elle

estava

eſtava a Imperial Coroa Portugueza, cuja circumfe-rencia abraça o ambito de muitos Orbes.

Com quaſi oitocentas tremolantes luzes brilhãdo eſte elevado monte de reſplandores, parecia verdadeiro Olympo, que na terra veſtia as Eſtrellas, de que fingem coroarſe na Esfera: ou Babel de linguas de fogo, que não em ſacrilegios, mas em holocauſtos procurava ſubir ao Ceo: ſe não era amoroſo Mongibello, que como centro dos noſſos affectos, pelas ſuas lavaredas exhalava os noſſos coraçoens, materia tam copioſa para os ſeus ardores, que primeiro lhe poderião faltar bocas, que incendios. Prodigioſo Elemẽto he o Fogo! Nelle ardem os aromas, que ſe offerecem a Deos: & com fogo ſe fizerão ſempre os ſeus ſacrificios. Para o de Abraham na Ley da Natureza, a materia das chamas levava aos proprios hombros Iſaac: com fogo ſacrificavão na Ley Eſcrita os ſũmos ſacerdotes, ou Pontifices no Templo de Jeruſalem: & com o concurſo do fogo ſe faz o melhor Sacrificio na Ley da Graça. Atéos Gentios não ſó purificavão com fogo as victimas, mas tambem crião, que os ſeus ſemideoſes gaſtavão nelle a porção terrena, para entrarem de todo divinos no Ceo: como fez Hercules na fogueira em que ardeo no monte Oeta, por gaſtar a parte, que pela mãy tinha de mortal. Oh Elemento, criſol dos deſejos, & Emblema do amor! Que ſe o roubo de hum ſacrilego te trouxe hũa vez do Ceo à terra; a devação de muitos Fieis te eſtá ſu-

bindo

bindo repetidas vezes da terra ao Ceo.

Sobre a peanha rematava o mageſtoſo Edificio a Morte, como fim, & remate de todas as couſas humanas. Adornava-ſe de huma Imperial Coroa, oſtentando o ſeu poder no mayor carro do ſeu triunfo. Tinha, como por trofeos deſta victoria, em huma mão hum clarim, & na outra a Eternidade, onde não póde negar juriſdicçoens à vida dos glorioſos Heroes, que como o noſſo Monarca ſe immortalizão na fama, & ſe eternizão no tempo.

Se ſe houveſſem de meter neſte Mauſoleo as famoſas Eſtatuas dos eſclarecidos Principes, & ſoberanos Monarcas, que com o ſeu generoſo ſangue concorrèrão para o nacimento de ElRey D. Pedro II. Senhor noſſo (como coſtumavão os inſignes Romanos pór as dos Aſcendentes nas ſuas celebres Exequias, de que foy primeiro inventor o ſeu ſegundo Rey Numa Pompilio) ainda que fora, como em breve mappa, reduzindo a eſtreitas linhas, & miudos pontos as immenſas diſtancias do Univerſo; ſeria eſte grande Theatro muy curta Scena para repreſentação tam mageſtoſa. E aſſim, ſe reſervão para ſe collocarem nos trofeos dos triunfos, que ha de lograr o ſeu inclyto Succeſſor, onde como exemplares vivos por memoria, & repreſentados por objecto, poſſaõ obrar nos tronos os eſtimulos, que não podem infundir nas ſepulturas. E ſe Cayo Mario, porque lhe faltàrão as dos Progenitores, dizia, que o mayor louvor era não

ne-

necessitar das glorias, & das estatuas dos Ascendentes: esperamos da Real indole, & sublime educação de El-Rey nosso Senhor Dom João Quinto (que Deos guarde) impere tam generosamente, que possa gloriarse das suas proprias, sem dependencia das dos seus Heroicos Antepassados.

Este aggregado de perfeitas partes constituhia hũ fermoso todo, & formava huma estatura admiravel: & sendo tam avultado, fazia na ajustada proporção das suas medidas tal harmonia com a grãdeza da Igreja; que parece emendava em primor maravilhoso o defeito, de que se arguhio a Fidias na formatura da estatua de Jupiter Olympico, que parecia não caber no Templo, em que estava. E se sem embargo daquella imperfeição, mereceo ser huma das sete maravilhas: esta maquina erigida na Bahia; ainda que lhe faltou o lustre, & o preço do ouro, & do marfim, lhe abundàrão em tal grao os acertos do compasso, & as perfeiçoens da arte; que cedendo às maravilhas do Mundo pela materia, a todas podia fazer ventagens pela fórma.

Liaõ-se por varias partes do Mausoleo em sutis Epigrãmas, & elegantissimos versos feitos pelos mais excellẽtes Poetas da Bahia, as celebres inscripçoẽs, & famosos Epitafios, q́ aqui vão copiados: para os quaes deo a saudade o assũpto, a lẽbrança o papel, o sentimẽto a penna, as lagrimas a tinta, o amor os conceitos, & a magestade a idea. Escritos em tantas linguas, co-

mo

mo se virão no sepulcro do Emperador Gordiano, & sem os hyperboles que se gravàrão nos de Trajano, Septimio Severo, & outros Principes, que devèrão ao encarecimento alheyo, o que o nosso Monarca às virtudes proprias.

Esta he a fabrica sumptuosa, & triste, q̃ na insigne Cidade da Bahia, Cabeça do opulento Estado do Brasil, erigio o obsequioso affecto do General Luis Cesar de Menezes à perpetua lembrãça do Serenissimo Rey Dom Pedro Segundo Senhor nosso: & se não pela firmeza da materia, & grandeza da arquitectura; póde pelos votos, & sacrificios do amor exceder ao Mausoleo de Caria, às Pyramides do Egypto, às Colunas, & Obeliscos de Roma, depositos dos seus Reys, dos seus Monarcas, & dos seus Emperadores. Não forão mais constantes os Trofeos, Theatros, & Sepulcros, que levantàrão os antigos Cesares do seu appellido: Cayo Julio à posteridade de Mario, Octaviano Augusto às memorias de Marcello, & Elio Adriano ás cinzas de Pompeo. Porque aquellas maquinas, fabricadas com as medidas, ou ideas da vaidade, desbaratou o tempo; & esta, formada com os compassos, ou descompassos da dor, eternizarà a saudade.

Viaõ-se as paredes da insigne, & espaçosa Cathedral cubertas de negro com passamanes de prata: de luto a cadeira, em que assistia o Governador, & Capitão Geral, & os assentos em que por sua serie estavaõ os Tribunaes, que todos ficavão da frente do Tumu-

lo para o Cruzeiro da Igreja: em cujo Coro, ou Capella mór appareciaõ em numero grande Prelados, & Religiosos de differentes Ordens. Os outros lugares occupava numeroso concurso da Nobreza, & Povo, que não cabendo já nas Tribunas, Capellas, & corpo do Templo, occupavaõ as ruas mais visinhas às portas delle.

Assistia em sitial com cappa de Asperges, & Insignias Pontificaes o Illustrissimo Dom Sebastião Monteiro da Vide, Arcebispo Metropolitano do Brasil: cujas grandes virtudes, insignes letras, & singulares prerogativas de Prelado o fazem benemerito nam só da Primazia da America Portugueza, porèm dos mais supremos lugares da Igreja Romana: & com a compostura, & gravidade proprias da sua Dignidade, & naturaes da sua Pessoa, presidia, & capitulava no Coro ao Reverendo Cabido, & aos Beneficiados da Sé, que com intençaõ pia faziaõ devota, & magnificamente as Reaes Exequias.

Quatro acordes, & ajustados Coros de vozes, & instrumentos, reduzindo o triste som dos soluços a sonoras clausulas do canto, formavão da corrente das nossas lagrimas a mayor consonancia da sua harmonia. Ao som da sua arpa entoava David os seus gemidos: dos seus prantos, & das Lamentaçoens de Jeremias se compoz a mais suave musica da Igreja. Desta sorte encomendavão a Deos nosso Senhor aquella Alma ditosa, que em Coros celestes ouvindo Angelicos

canti-

cãticos, piamente devemos crer eſtará rogando à ſuprema Mageſtade pela conſervação dos ſeus vaſſallos, aumento dos ſeus Reynos,& ultimo complemento da promeſſa divina feita no cãpo de Ourique ao primeiro Fundador da ſua Monarquia. E ſe já vimos , que em ElRey defunto (pela melhor conta, decima-ſexta geração daquelle Principe) attenuada a Prole Real Portugueza com o primeiro quaſi eſteril matrimonio, poz Deos os olhos de ſua miſericordia, como prometteo, dandolhe em ſegundo , & mais venturoſo conſorcio a dilatada, & generoſa deſcendencia , que ha de levar o ſeu ſagrado nome às partes mais remotas : eſperamos de interceſſor tam poderoſo a total ſatisfação da infallivel palavra , eſtabelecendo em Portugal o mais firme, & o mais eſtendido Imperio ; para que logre o Mundo Chriſtão huma Monarquia permanente, mayor que as quatro tam grandes , & inconſtãtes, que vio o Mundo Gentilico.

Neſta admiravel ordem ſe principiàrão com ſolẽniſſimas Veſperas as ſumptuoſas Exequias na tarde de dezanove de Outubro deſte preſente anno de mil & ſetecentos & ſete : & entaõ ſe tornàraõ a repetir cõ triſtes ecos as vozes dos ſinos , até o ultimo periodo da ſolennidade do dia ſeguinte : no principio do qual ſe diſſeraõ por todos os Altares da Igreja (que eſtavaõ veſtidos com ornamentos negros)innumeraveis Miſſas, humas por eſmola da Real fazenda , & outras por votos de affectos particulares, que ſouberaõ cõverter

o mais fino amor no melhor ſacrificio. Foraõ notaveis os holocauſtos, com que a cega Gentilidade aplacava as ſuas falſas Divindades, & as invocava propicias às Almas dos ſeus defuntos, excepto aquella Seita, que negava a immortalidade dellas: ſacrificavalhes, & lhes offerecia por oblaçoens o ſangue, & as entranhas dos animaes. Oh quanto a pudera admirar a pureza dos ſacrificios da verdadeira Religiaõ, onde as victimas ſaõ o proprio Corpo, & Sangue de Chriſto!

Depois das Laudes proferidas com as ceremonias Eccleſiaſticas de tam ſagrado acto, foy para o Altar mayor com pompoſo, & Pontifical apparato Sua Illuſtriſſima, & cantou a Miſſa, naõ podendo ſuſpender as lagrimas.

Dita a Pontifical Miſſa, ſubio ao Pulpito o Muito Reverendo P.M. Domingos Ramos Religioſo da Cõpanhia de Jeſu, ſujeito entre os grandes talentos do Braſil dos mais benemeritos de tam grande Aſſumpto, por doutrina, por virtudes, & pela profiſſaõ de todas as Sciencias, que o fizeraõ venerado na America, admirado na Europa, & em todo o Mundo conhecido: & fez a Oração funebre, que vay incluſa neſte Compendio, tanto melhor repreſentada, do que eſcrita, quanto he mayor o ſer, que à energia das palavras communica a alma das acçoens: ſendo naquelle acto as ſuas tam proprias da eloquencia, & tam naturaes da mágoa, que nũca ſe vio mais rhetorico o ſen-

timento, nem com mais concerto a dor ; pois nem os ſeus ſoluços lhe embargárão os penſamentos , nem as noſſas lagrimas lhe roubárão as attençoens. Comparado com a materia, foy breve o diſcurſo : porèm nelle (como os Coſmógrafos, & Ariſmeticos , reduzindo a hum ponto o incomprehenſivel , & a huma cifra o infinito) conſeguio o fazer das inexplicaveis virtudes de tam grande Monarca hum acertado Epilogo, em que as ſuas ſempre veneradas memorias ſeráõ mais permanentes , que as que ſe lhe dedicão nos Mauſoleos mais ſumptuoſos ; pois ſó aquellas , com que as pennas dos Oradores immortalizàrão aos Principes, paſſaõ a carreira dos ſeculos livres das injurias, & juriſdicçoens do tempo : & as que ſe lhes gravàrão nos arcos triunfaes , ou ſe lhes eſculpirão nos monumentos , acabàrão com aquelles ſoberbos edificios, de que apenas, como de Troya , ſe vem os ſitios, em que forão edificados ; conſervandoſe nas poucas regras, & nos pequenos volumes de Livio, de Tullio, de Plinio , de Homero , & de Virgilio, para durar eternidades.

Seguiraõ-ſe ultimamente os Reſponſorios ditos por Sua Illuſtriſſima , & pelas primeiras Dignidades da Sè, todos com profunda devação , & pranto copioſo.

Com eſta ſumptuoſidade ſe fizerão ao Senhor Rey Dom Pedro Segundo as honras funeraes , ainda mais celebres pela màgoa, que pela grandeza. Hum foy o

ſe-

ſepulcro, que na Bahia ſe levantou à ſua poſteridade: muitos os Altares, que nos peitos ſe conſagràraõ à ſua veneração, onde ardem os affectos, ſem conſumirſe as memorias, que ſe fazem mais eternas, quando com fogo de amor ſe rubricão nos coraçoens; ſendo inſtrumento, que lhes grava os caracteres, a meſma chama, ou ſetta, que lhes abre as feridas. E deſta ſorte, ſe quẽ morre, jaz por deſcanço na ſepultura; na fineza de quem vive, exiſte por cuidado.

Tal foy a morte, & tal ſerá a vida do noſſo Monarca: caduca, quanto à noſſa natureza; quanto ao noſſo amor, immortal. Porque, ſe de pays a filhos cõ as obrigaçoens ſe herdão os affectos; em nós, & em noſſos deſcendentes ha de ter a ſua lembrança a duração do Mundo, que he a ultima baliſa, a que chega o curſo dos viventes, & o horizonte mais diſtante a que ſe extende a esfera dos mortaes.



SONETOS
do Author.

Ao Tumulo, que ao Sereniſſimo Senhor Dom Pedro Segundo ſe fez na Cidade da Bahia Cabeça do Braſil, porçaõ mayor do Imperio Luſitano.

SONETO.

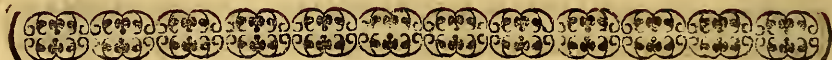
ESTE horroroſo Alcacer da ſaudade,
Da magoa ſoberbiſſimo apoſento,
Onde mora a lembrança por tormento,
Onde vive por culto a Mageſtade:
Altar ao melhor Rey da noſſa idade,
Que logra em firme & duplicado aſſento,
Como humano na terra, monumento,
E cadeira no Ceo, como Deidade:
He memoria, que ao ſeu ſegundo Marte
Pedro eterniza em magoas a Bahia,
Onde competem dòr, grandeza, & arte:
Moſtrando neſta grande fantaſia,
Que lhe tocou do amor a mayor parte,
Como parte mayor da Monarquia.

A' Imagem da Morte, que ſobre o Tumulo eſtava coroada, tendo em huma maõ a Fama, & na outra a Eternidade.

SONETO.

OH tu, que do poder fazes vaidade,
Quando ao Cetro de Pedro naõ perdoas,
E moſtras que no fragil das Coroas
De ſer mortal naõ livra o ſer Deidade.
Se chegas à proſtrarlhe a Mageſtade;
Como tanto as virtudes lhe apregoas,
Que dellas o clamor na Fama entoas,
E a memoria lhe poens na Eternidade?
Se ſempre dos teus golpes foy effeito
Pôr ao applauſo fim, como à eſperança;
Que amor he eſte agora? Que reſpeito?
Mas he, que o ſer de Pedro tanto alcança;
Que, ſe chega a acabar quanto ao preceito,
Naõ ſe póde extinguir quanto à lembrança.

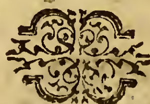




Em a morte do Sereniſſimo Senhor Dom Pedro Segundo Rey de Portugal.

SONETO.

OH Rey, por cujo amparo o Luſo clama
Com pranto, com horror, & com triſteza:
Morto por pena, vivo por fineza:
Cinza fria, mas ſempre ardente chama.
Se contra tanto reſplandor ſe inflamma
A Morte: ſó vos tira neſta empreza
A vida, que vos deo a Natureza;
Mas naõ a vida, que vos deo a Fama.
A Morte pertendeo neſta victoria
Triunfar de Vós: porèm com dor interna,
Ella deſpojo foy da voſſa gloria.
Porque o grande Motor, que nos governa,
Porque foſſes Trofeo sò da memoria,
Vos deo vida mortal, mas fama eterna.



Ro-

Romance do Author.

Al Mausoleo ardiendo en fuegos, y vistiendo lutos.

COmpendio de luz, y sombra:
Cielo de Estrellas, y horrores:
Para las Esferas gala,
Y luto para los Orbes.
En el resplandor, que vistes,
De que nube te compones
Con multitud de tinieblas
En tanta copia de Soles?
El traje, de que te aliñas,
Es todo contradiciones:
Y no conoces tu mismo,
Si eres dia, ò si eres noche.
Que Planeta en ti se ostenta
Con deliquios, y candores,
En el Oriente ufano,
Y triste en el Orizonte?
Que Astro pues en ti se mueve
Sin curso, pero con orden;
Y parece al mismo tiempo
Sol que nace, y que se pone?

Si eres Emisferio en rayos,
Nublada Esfera en colores;
Como embueltas con las glorias
Puedes juntar las paſſiones?
Di: que myſterios ſon eſtos,
En que publîcas, y eſcondes
Mucho para los diſcurſos,
Tanto para los dolores?
No hagas del ſilencio alarde;
Que arder, y callar ſe oponen:
No ſe callan los gemidos,
Quando los pechos ſe rompen.
Si eres Volumen de Amor
Con Eſtrellas por renglones;
En ti las quexas ſe eſcrivan,
O' las memorias ſe borren.
Si eres carcel, donde eſtan
Nueſtros afectos conformes;
O' nos ſuelta los ſuſpiros,
O' nos quita las priſiones.
Si eres Sepulcro de un Rey
Mayor, que ha tenido el Orbe;
No ſolo en incendios pagues,
Quanto en Mageſtad recoges.
Publíca en tu voz tu empeño:
Y haràn luego tus clamores
(Pues la grandeza te enſalça)
Que los ecos te coronen.

Pero harto en brillar lo dizes:
Todo en arder lo propones;
Porque en las lenguas del fuego,
Los movimientos ſon vozes.
Palabras ſon tus centellas,
Tus incendios ſon razones,
Que con las luzes ſe han hecho,
Quanto màs claras, màs nobles.
Arde pues, y a Pedro ofrece
Apurada en tus criſoles
En eſſe Templo de Amor
Toda la fé de los hombres.

Na morte de ElRey Dom Pedro Segundo noſſo Senhor.

Texto de Camoens. *Cant.4. Oit. 50.*

NAõ conſentio a morte tantos annos,
Que de Heroe tam ditoſo ſe lograſſe
Portugal; mas os Córos ſoberanos
Do Ceo ſupremo quiz que povoaſſe.
Mas para defenſaõ dos Luſitanos,
Deixou quem o levou, quem governaſſe,
E aumentaſſe a terra mais que de antes,
Inclyta geraçaõ, altos Infantes.

GLOSA

Pelo Licenciado Gonçalo Soares da Franca.

DEpois que à Monarquia Luſitana
As redeas applicou Pedro o Segundo;
Abatida na guerra a furia Hiſpana,
Na paz o Reyno foy aſſombro ao Mundo:
Inveja porèm, cega, & tyranna,
Deſte de Portugal bem tam fecundo,
Que lograſſe tal bem, ſem ver taes dannos,
Naõ conſentio a morte tantos annos.

Doze luſtros, ainda naõ compridos,
(Esfera curta a Sol tam luminoſo)
Tinha do Luſo o Sol; quando vencidos
Vio ſeus rayos de eclipſe tenebroſo.
Decretos ſaõ do Ceo naõ comprehendidos,
Que dando a Portugal Rey tam famoſo,
Naõ quiz mais, porque mais triſte o choraſſe,
Que de Heroe tam ditoſo ſe lograſſe.

Ou foy de noſſas culpas digna pena,
Ou dos meritos ſeus foy premio digno;
Que a meſma dor, que à magoa nos condena,
A Pedro ſobe ao ſolio criſtallino.
Oh como juſtamente o Ceo ordena
A ſua gloria, o noſſo deſatino!
Naõ mereciaõ, naõ, dons mais que humanos
Portugal, mas os Córos ſoberanos.

Foraõ

Foraõ deſte Monarca relevante
Tantas as prendas, tal a virtude era ;
Que inda a menor virtude, Aſtro brilhante,
Da terra a esfera pouca tranſcendèra.
Novo Alexandre pois, ſeu peito ovante,
Porque mais Mundo o Mundo lhe naõ dera ;
O Reyno, que era bem ſó ſuſpiraße,
Do Ceo ſupremo quiz que povoaſſe.
Juſto foy, que aſſim viva ſublimado ;
Mas naõ que o Reyno aſſim fique abatido :
Porque ſer entre os Anjos collocado,
O naõ livra entre os homens de eſquecido.
Naõ foſte, ó grande Rey, Rey ſó creado
Para o Ceo ; para nós tambem nacido :
Não ſó para troncar vicios profanos,
Mas para defenſaõ dos Luſitanos.
Conſente a noſſa queixa ; ſe conſente
Attenção eſſe Trono, onde ſubiſte :
Que quando a queixa he juſta, a dor vehemente,
Rompe o foro ao reſpeito hum peito triſte.
Mas ja vejo, que fallo cegamente ;
Pois bem que Portugal ſem Pedro exiſte,
Portugal (quando Pedro ſe apartaſſe)
Deixou quem o levou, quem governaße.
Naõ podia a ſuprema Providencia
A' palavra faltar ſempre obſervada,
Que nunca ao Cetro noſſo deſcendencia
Na prole ha de faltar attenuada.

Naõ

Naõ temo a ſucceſsão, temo a potencia;
Que a tanto Heroe he pouco o Mundo, he nada:
Sò, ſe eſtendeſse termos mais diſtantes,
E aumentaſse a terra mais que de antes.
Se ſómente ao primeiro, que hoje he Quinto,
(Herdeiro digo) vem o Orbe inteiro
Eſtreito Mappa, Epilogo ſuccinto;
Que Mundo ha de baſtar ao derradeiro?
Eterno a Portugal de agora ſinto:
Faltão Reynos, não falta ao Reyno Herdeiro;
Pois hoje nos ſegurão relevantes
Inclyta geração, altos Infantes.



Falla

Falla a Bahia à ſumptuoſa Eça, que de lutos, & luzes fabricou a meſma Cidade nas Exequias de El Rey noſſo Senhor Dom Pedro Segundo de ſaudoſa memoria,

SONETO do meſmo.

BAbel, que en lenguas tantas de centellas
Conſtante ſubes, ſin baxar, al Cielo:
Como, ſi eres Olympo ſin recelo,
Te eriges nube opaca a las Eſtrellas?
No màs: la ſenda advierte de tus huellas;
Que ſi el curſo no paras de tu buelo,
De tus luzes arrieſgas el anhelo,
A tus tinieblas los horrores ſellas.
Del frio, y del calor a los enojos,
Que buſcan remontados tus retiros,
Llamas ſombras veràs, ſombras deſpojos.
Pero proſigue; que en altivos gyros
Siempre te han de preſtar en tus arrojos
Luto mi pecho, fuego mis ſuſpiros.

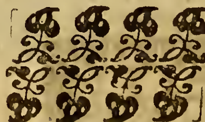


Epi=

Epitafio en el Mauſoleo del Sereniſſimo Rey Don Pedro Segundo nueſtro Señor.

SONETO do meſmo.

YAzen, no; viven, ſi, en eſta Pyra
Las cenizas de un Rey ſiempre glorioſo:
Que no importa entre aromas el repoſo,
Si entre incendios la Fenix aun reſpira.
El Orbe Portuguez triſte ſuſpira:
Pero en vano ſuſpira congoxoſo,
Si lo que polvo alli es horroroſo,
Brillante Eſtrella en el Zafir ſe admira.
Mas, ſi eterno lo duda el que mirando
Yerto el cadaver, fria la ceniza,
Aun lo humano parece eſtá dudando;
Que fuè Rey Portuguez, amor le aviſa:
Y amor al coraçon alas preſtando,
Enciende el polvo, el polvo lo eterniza.



Deſ-

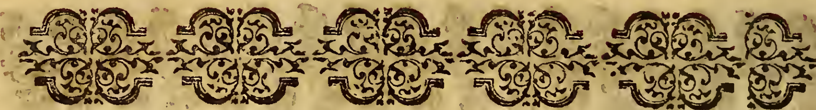
Descripção no Tumulo de ElRey nosso Senhor, ponderando o seu Mausoleo nas quatro partes do Mundo.

SONETO do mesmo.

SEpultado na Europa foy primeiro;
Serà n' Africa, & n' Asia sepultado:
Na quarta parte agora deplorado,
Urna entre mares tem Sol verdadeiro.
Por Pio, por Prudente, por Guerreiro
Se vè de Polo a Polo suspirado:
Que hum Rey, que foy no Mundo tam amado,
Razaõ era o chorasse o Mundo inteiro.
Naõ sò pois, porque em hum lugar sòmente
Ruîna tal naõ coube, em toda a parte
lhe dà Tumulo o affecto reverente;
Mas tambem justo foy: porque desta arte,
Para com a dor poder a Lusa gente,
A dor por todo o Mundo se reparte.



Epi-



Epitafio no ſepulcro de ElRey noſſo Senhor, achado no Poema do immortal Luis de Camões pelo dito Licenciado Gonçalo Soares da Franca.

SONETO.

	Cant.	Oit.	Verſ
OUvi, vereis o nome engrandecido	1.	10.	5.
Do juſto, & duro Pedro: nace (a) obrãdo	3.	138.	1.
De Nações differentes triunfando	2.	54.	4.
Com vulto alegre, qual do Ceo ſubido.	2.	42.	3.
Pois contra o Caſtelhano tam temido	1.	25.	5.
Os fortes Portuguezes incitando;	1.	87.	4.
Contra vontade ſua, & naõ rogando,	6.	99.	8.
Pazes (b) *cõmetter mãda arrepẽdido.*	1.	94.	1.
Mas entre tantas palmas, ſalteado	3.	90.	1.
Da temeroſa morte; fica herdeiro	3.	90.	2.
Hum filho ſeu, de todos eſtimado:	3.	90.	3.
Que nenhum dizer póde que he primeiro	1.	87.	8.
De hũ Rey, q̃ temos, alto, & ſublimado,	2.	81.	8.
Outro Joanne, invicto Cavalleiro.	1.	13.	7.

a] Naſceo ElRey entre triũfos.

(b) Alude à paz de Caſtella, ſolicitada pelos meſmos Heſpanhoes.

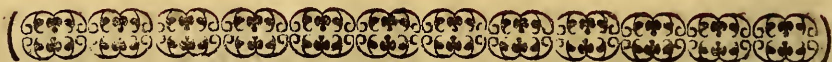
Pon-

Pondera-se a unica razão de alivio no universal sentimento da morte de ElRey nosso Senhor Dom Pedro Segundo.

SONETO do mesmo.

VEndo a morte, que Pedro não podia
Sem ella eterno ser, que mortal era;
Por mais vida lhe dar na ardente Esfera,
Mais cedo o reduzio à cinza fria.
Caduco Pedro foy, quando vivia;
Quando morto, immortal se considera:
Com que, se ser cadaver não sofrèra,
Eternamente não renaceria.
Vivo o respeito, viva a Mageſtade,
Bem que grangeão nome à Natureza,
Tributo rendem a mortalidade.
Logo de Pedro o fim, sò foy fineza;
Pois quanto a vida lhe usurpou de idade,
A fama lhe anticipa de grandeza.





Do mesmo.

A Bahia muda.

AUnque la voz no me anime,
Muda me explico mejor;
Que quando es grande un dolor,
Solo un silencio lo exprime.
Mi mudez al Orbe intime
Mis congoxas màs atroces:
Que, si entre quexas veloces
Mal se perciben lamentos;
Mas se dizen los tormentos,
Quando se callan las vozes.

A Bahia sentida.

BIen que se muestran rendidos
Mis sentidos, aun mas siento;
Que a dezir mi sentimiento,
No bastan cinco sentidos.
Quien los mira amortecidos,
Solo me juzga sentida:
Mas mi pena es màs crecida;
Pues me veo en triste calma,
Para el alivio, sin alma;
Para el tormento, con vida.

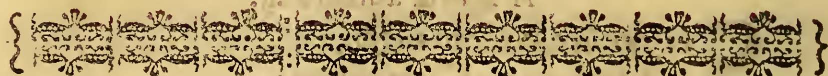
A Bahia admirada.

SUspensa estoy, con razon,
Mirando un Cetro difunto;
Porque llegando a este punto,
Toda quedo admiracion.
Soy la misma suspension
Entre espantos diferentes,
Assombro dando a las gentes
Con efectos encontrados;
Pues suspensos los cuidados,
Tengo los ojos corrientes.

A Bahia saudosa.

AQuella passion notoria
Del alma soy, que entre enojos,
Borrado el bien a los ojos,
Se lo escrive en la memoria.
Lloro mi passada gloria:
Y glorias de un bien passado,
Son tormento duplicado;
Porque un objecto querido,
Siendo grande posseido,
Se haze mayor suspirado.





EPIGRAMMAS

Na morte delRey noſſo Senhor.

Do meſmo.

EPIGRAMMA I.

Pinta-ſe a Fè, a Piedade, o Zelo, ſuſtentando hũa eſcada, por cujos degraos irá ſubindo hũa Coroa.

Aſcendit Petrus in ſuperiora. Actor. 10. 9.

POr fé, por piedad, por zelo,
Sin ſegundo en el Segundo,
Dexando por corto el Mundo,
Subiò Pedro al alto Cielo.

EPIGRAMMA II.

Pinta-ſe a Morte, & o Eſquecimento, querendo deter hũa Coroa com duas azas, que voarà livremente ao Ceo, o qual eſtará tambem pintado da parte ſuperior.

Vi-

Videntes autem Petri constantiam. Actor.4.13.

V Iendo la muerte, y el olvido,
De Pedro en la fiel constancia,
Que tenerle no han podido;
Que buele libre han sentido
A aquessa immortal estancia.

EPIGRAMMA III.

Pinta-se hũa maõ fazendo subir hũa cabeça coroada: & outra cabeça com coroa debayxo de hũ docel.

Assumit Petrum ..., & Joannem secum. Marc.14.33.

A Juan, y a Pedro llamó
Jesus en la fatal hora:
Mas oy diferente obrò;
Pues à Iuan nos dexa aora,
Quando a Pedro le llevò.

EPIGRAMMA IV.

Pinta-se hũa Custodia conduzida por dous Anjos: & ElRey, que sobe a recebella.

Cùm venisset Iesus in domum Petri. Matth.8.14.

P Orque a su Dios satisfaga
En su casa visitarle;
No es mucho que para hallarle,
Camino àzia el Cielo haga.

EPIGRAMMA V.

Pinta-se hũ Gentio Americano, hũ Ethiope, hũ Chim, hũ Malabar, porfiando sobre qual primeiro abrirá hũa porta, para por ella ir entrando hũa alma coroada, com hum livro na maõ.

Recordatus est Petrus verbi Domini. Luc. 22. 61.

Porque jamas te olvidaste,
O' Pedro, de mi palabra;
Los que adelante embiaste,
Lidiando estan, porque se abra
La puerta, que les franqueaste.

EPIGRAMMA VI.

Pinta-se hum Cetro sobre hum globo pizado de dous pès.

Dixit Petrus: Ecce nos reliquimus omnia: quid ergo erit nobis? Matth. 19. 27.

Vitam æternam possidebit. Ibid. 29.

Sin duda, ó Monarca Real,
Que eterno premio aparejas;
Pues todo por Dios lo dexas,
Quando dexas Portugal.

EPIGRAMMA VII.

Pinta-se a Cathedral da Bahia vacillante.

Tu es Petrus, & super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam. Matth.16. 18.

QUando le debo mi aumento,
En su falta mi desmedra
Con mucha razon lamento;
Porque mi firme cimiento,
Era de Pedro la piedra.

EPIGRAMMA VIII.

Pinta-se hum braço tendo igualmente hũa espada nua, & huma tocha acesa.

Petrus habens gladium, eduxit eum. Joan.18.10.

SIn primero, aunque Segundo,
Me pregonan luz, y espada:
Vi toda España prostrada,
Y medio Christiano el Mundo.
Valor, y zelo en mi unidos
Abrieron con manos pocas,
Para la fama mil bocas,
Para la fé mil oídos.

EPIGRAMMA IX.

Pinta-se huma balança com igualdade, tendo de hũa parte hum homem morto, & da outra hum defunto resuscitando.

Dixit Petrus, &c. Cecidit, & expiravit. Actor. 5.3.& 5.
Continuo surrexit. Actor. 9.34.

TAnto en tu pecho fiel
Tuvo Astrea el fiel entero;
Que abandonando el cruel,
Fuiste Pedro el Iusticiero.
La balança assi regias
Rey justo, Padre amoroso:
Severo con Ananias,
Y con Eneas piadoso,

EPIGRAMMA X.

Pinta-se a figura da Bahia chorosa, olhando para hũa Alma, q̃ estará da parte interior do Ceo.

Egressus foràs Petrus flevit amarè. Luc. 22.62.

PUes que llegaste a tu centro,
Que gozas en essa Esfera;
Trocarse el llanto debiera:
Alegre vive allà dentro;
Y nós lloremos de fuera.

EPIGRAMMA XI.

Pinta-se huma Urna com cinzas na maõ de hũa Dama, sahindolhe do peito hum incendio, & dous rios dos olhos.

Ait Petrus: Faciamus tria tabernacula. Luc. 9. 33.

AUnque un Tumulo se admira,
En tres guardo estos despojos;
Pues los verà quien me mira,
Fenix del pecho en la pyra,
Sol en el mar de los ojos.

EPIGRAMMA XII.

Pinta-se o Povo da Bahia triste, & pensativo, chorando sobre huma Caveira.

Cõtristatus est Petrus, quia dixit ei tertiò: Amas me? Joan. 21. 17.

EN dudas de amor hallamos
La tristeza, ò Pedro, vuestra:
Mas, quando muerto os lloramos,
Toda la tristeza nuestra
Es, porque sin duda amamos.

EPIGRAMMA XIII.

Pintaõ-se duas Coroas subindo, hũa ao Ceo, outra a hum Trono.

Petrus autem, & Joannes aſcendebant. Actor. 3. 1.

SUbieron de aqueſta vez,
De ſu virtud en abono,
Si Pedro al etherio Trono,
Juan al Trono Portuguez.

Inſcripçoẽs para as quatro figuras ſuperiores da Eça.

Europa ſobre hum Touro, cercandoa o Tejo.

EUROPA.

HA de los golfos, los mares!
Venid conmigo à llorar;
Que para empeño tan grande,
De un Rio es poco el caudal.
Que importa, que, turbio Tajo,
Inundes por llorar màs;
Si ni tus arenas de oro
Igualan a mi peſar?
Ha de los brutos, las fieras!
A mi clamor ayudad;
Que nò es bien que un ſolo ſienta,
Quando es de todos el mal.
Mas ay! que poco me vales,
Amante Toro; pues yà
En las ondas de ſu llanto
Se vè Europa naufragar.

Africa

Africa ſobre hum Leaõ, cercando-a o Zaire.

AFRICA.

HA de las aguas del Cielo!
Baxad al Mundo, baxad;
Que, ſi ſois remedio a llamas,
Ardiendo me haveis de hallar.
Tanto, que ſi claro Zaire
Negros guſtas de mirar;
Bolviendo el curſo a mi pecho,
Carbones retratarás.
Ha de las ſelvas del Nilo!
Crocodilos preparad,
Que obligados de mi pena,
Su canto llanto ſerâ.
Y tu coronado Bruto,
Pues me llegas a eſcuchar,
Mejor que a tu fiebre ardiente,
A mi dolor temblaras.

Aſia ſobre hum Elefante, cercando-a o Indo.

ASIA.

HA de todos los Diluvios!
Agua a mis ojos preſtad;
Que quando ſe ahoga el Mundo,
Señas no ha de haver de paz.

Y tu,

Y tu, Indo, que me riegas,
La cuna muda de oy màs;
Que no es bien que alegre nazca,
Quien mi llanto ha de ayudar.
Ha de los aſperos montes!
Horribles monſtros brotad;
Que de mi dolor movidos,
Humanos ſe bolveràn.
No lamente un Elefante;
Que poco eſtremo ſerà,
Quando debe un inſenſible,
Sentir un màs que animal.

America ſobre hum Tigre, cercando-a o Gram Parà.

AMERICA.

HA del Oceano todo!
Preſtame todo el criſtal;
Que para un mar de aflicciones,
He meneſter todo un mar.
Si no es, que como me ayudas
A llorar, ò Gran Parà;
Qualquiera gran mar eſcuſa,
Quien llora con Rio tal.
Ha de las horridas breñas!
No Tigres, eſcollos dad;
Que màs que ablandar fierezas,
Quiero peñas ablandar.

No

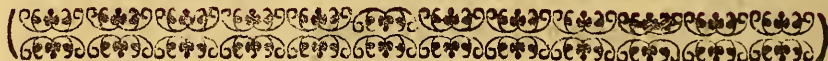
No por inculta, penſeis,
Que anhelo aſperezas: mas
Advertid, que piedras pido,
Para mi dolor gravar.

Do Capitão Joaõ Alvarez Soares.

Bahia muda.

SONETO.

ESta del ſentimiento copia nuda,
Animado cadaver, muerto aliento,
Emblema del màs horrido tormento,
De la màs dura pena eſtatua ruda:
En mi conſtituyò tyrana, y cruda
La ſuerte con jamàs viſto portento;
Pues haziendome viva al ſentimiento,
Solo para la quexa me hizo muda.
Corto fuera el dolor, ſi embravecida
Mi vida de una vez la injuſta ſuerte
A cenizas dexàra reduzida.
Y anſi, porque el dolor ſea màs fuerte;
Conſervando el aliento de la vida,
Los eſtragos padezco de la muerte.



Do meſmo.

Bahia admirada.

SONETO.

DEl mas horrible aſſombro ſuſpendida,
Del eſtrago mas funebre admirada,
Ni sè como quexarme çoçobrada,
Ni sè como ſentirme enternecida.
Publicàra el eſtrago de mi vida,
De mi voz la querella deſtemplada:
Pero, como podrà voz limitada
Explicar una pena deſmedida?
Declarar la paſſion, es conocerla:
Quien la conoce, es fuerça limitarla:
Llegar a limitarla, es abaterla.
Siendo pues menoſcabo exagerarla,
Otros la expliquen con encarecerla;
Que yo la explico mejor con admirarla.



Do meſmo.

Bahia ſentida.

SONETO.

A Yer vivo compendio de alegria;
Oy ya muerto retrato de triſteza!
Quien con tan nunca viſta ligereza
En horrores trocò mi loçania?
La muerte fuè, que en cruda tyrania
Añadiendo a ſu eſtrago nueba empreza,
El dueño me quitò, en cuya entereza
No cautiverio, libertad tenia.
Porque, ſi es dueño, y es alma juntamente
El Rey, que el cuerpo anîma de ſu Imperio;
Padece aqueſte, quando aquella ſiente.
Y anſi, en eſte de ſombras Emisferio,
Cuerpo ſoy, que en dolor el màs vehemente
Sintiendo eſtoy del alma el vituperio.



Do meſmo.

Bahia choroſa.

SONETO.

ESta de llanto liquida corriente,
Que en mi formò el mar de mi amargura,
Si es de mi amor la prueba màs ſegura,
De mi ultrage pregon es permanente,
Rios mis ojos ſucceſſivamente,
Entre el ronco ſuſpiro, y pena dura,
Pregonando mi triſte deſventura,
Manifeſtan mi funebre accidente.
Para la muſtia flor, la Aurora alcança
Con el rocio aliento en ſus deſpojos:
Pero en mi mal no puede haver mudança;
Pues advierto, a peſar de mis enojos,
Siempre muſtia la flor de mi eſperança,
Aunque vierta el rocio de mis ojos.



Do

Do Reverendo Padre Joaõ de Faria & Sousa.

Bahia quadrifrons, in quatuor Mausolei frontibus depicta, semper una, eademque pathetica,

EPIGRAMMATA.

Primâ fronte.

Bahia tristis.

Tristis adest Bahia nimis: jam gaudia ponit.
Læta ubi Mors gestit, tristia cuncta jacent.

Secundâ fronte.

Bahia præ dolore deficiens.

Sentit amans Bahia suum sub funere Regem:
Plus doleat, sensus perdit & ipsa suos.

Tertiâ fronte.

Bahia illacrymans.

Ceu Moyses petram, Petrum Mors percutit atrox:
Hinc meritò Bahiæ largior unda fluit.

Quartâ fronte.

Bahia muta.

Oh quantum gemebunda dolet Bahia undique! Quantum
Quisque scire cupis, percipe: muta docet.

De Morte super Mausoleo imposita.

EPIGRAMMA.

Tecta super Mors atra volat regalia Petri:
Hoc solùmm casu celsior illa patet.

De eâdem pro Mausolei coronide.

EPIGRAMMA.

Mausolea super summo stat vertice Mors: heu!
Finis hic in terris omne coronat opus.

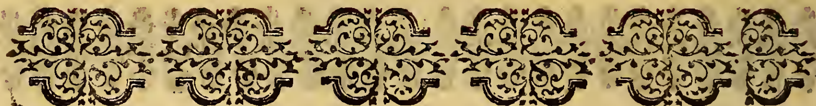


Do Capitão Thomè de Faria Monteiro.

Ao Tumulo, que na Cidade da Bahia se fez na morte de ElRey D. Pedro Segundo Senhor nosso.

SONETO.

ESsa pompa, que affecto Americano
A Deidade mortal consagra fino,
Ou despojo da vida nunca digno,
Ou da morte trofeo sempre tyranno:
Sepulcro he pouco a hum Corpo soberano,
Breve Altar a hum Espirito divino;
Bem que em primor o obsequio ultramarino
Aqui naõ cede ao culto Lusitano.
Porèm, posto que a America constante
Se faça, por finezas bem nacidas,
A' Cabeça do Imperio semelhante:
Inda naõ rende as oblaçoens devidas,
Quando despende em acto tam amante
No Tumulo o poder, no pranto as vidas.

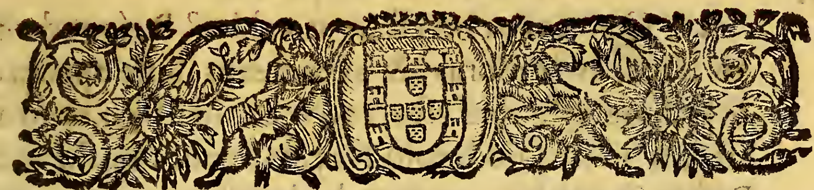


Do meſmo.

SONETO.

NO Sepulcro a Coroa! Oh quem diſſera,
Que havia de ſer hoje Trono a Pyra,
E a mortalha docel! Será mentira?
Naõ: que o humano ſer, todo he quimera.
Bem póde naõ ſer hoje, o que hontem era:
Mas do objecto Real, que ſe ſuſpira,
A grandeza no Tumulo ſe admira,
Caduca a Mageſtade ſe venera.
Naõ chega o que he reſpeito a ſer loucura,
Quando a ſombra do Idolo ſe adora;
Que a vida acaba, & a memoria dura.
Se a grandeza da cauſa naõ ſe ignora;
Naõ erra a dor no culto, que procura;
E acerta Amor nas lagrimas, que chora.





SERMAÕ

NAS EXEQUIAS DE ELREY

DOM PEDRO II.

SENHOR NOSSO,

Celebradas na Cathedral Metropolitana da Cidade da Bahia aos 20. de Outubro do anno 1707.

Que prègou o M. R. P. M.

DOMINGOS RAMOS

Religioſo da Companhia de JESU.

Cecidit corona capitis noſtri. Ex Thren. Jerem. cap. 5.

§. I.

1 CAHIO a coroa da noſſa cabeça. Cahio ; porque nem as coroas eſtaõ izentas de cahir do mais alto do trono ao mais baixo do tumulo. Cahida terrivel, que como univerſal tributo , devem pagar com encargo inevitavel todos os mortaes.

2 Que coroa he eſta, que cahio? Reſpondem os lutos, as ſombras, & as triſtezas deſte apparatoſo funeral, que eſta coroa cahida he o muito alto, & muito poderoſo Rey, & Senhor noſſo Dõ Pedro Segundo: nome obedecido em tanto numero de Reynos, & Provincias nas quatro partes do mundo. E que eſte meſmo nome tam alto, & ſoberano, eſteja agora tam cahido, & deſcahido no epitafio de huma ſepultura! Oh grandezas deſte lamẽtavel mũdo expoſtas ao rigor de tam dura fatalidade!

3 Reſponde tambem o thema, que eſta coroa cahida foy coroa do noſſo Reyno: *Corona capitis noſtri, hoc eſt, regni noſtri*: expoem A Lapide. Rey, que foy a coroa do noſſo Reyno! Grande Rey perdeſte, ó Portugal! Perdeſte hum Rey, que foy a tua coroa. Qual he a coroa de hum Reyno? Iſaias o diſſe: *Corona gloriæ, diadema regni*: A coroa de hum Reyno he a coroa de ſuas glorias, & felicidades. Grande Rey, torno a dizer, (oh que juſto motivo para hum penetrante ſentimento!) grande Rey perdeſte, ó Portugal! Perdeſte hum Rey, que foy coroa de teu Reyno, coroa de tuas glorias, & felicidades: *Corona capitis noſtri: Corona gloriæ, diadema regni.* Provar eſta verdade, ha de ſer todo o meu empenho na primeira parte do Sermaõ.

Threni. c.6. A Lap. ibi.

Iſai.62. 3.

4 Torney a dar outra volta na conſideraçaõ do

do thema, & me pareceo litteral, & genuina a intelligencia, que as ſuas vozes por ſi meſmo inculcaõ. Cahio a coroa da noſſa cabeça. Quem duvida, que hum Rey he a cabeça do ſeu Reyno? Deſta cabeça dimana o ſuperior influxo a todo o mais corpo myſtico, que ſe compoem de tanto numero de membros, como de Eſtados; de tanta variedade de operações, como de peſſoas. Logo ſaõ termos equivalentes, cahio a coroa da noſſa cabeça, cahio a coroa do noſſo Rey.

5 Sendo tam natural eſte ſentido; parece violento, ſe o houvermos de applicar a hum Rey, que nunca quiz coroarſe. Se o noſſo Rey nunca ſe quiz coroar; que coroa foy a ſua? Seria por ventura a coroa de relevantes prendas, que nelle avultavão? Poderia ſer, que foſſe; porque a Natureza o enriqueceo com tam eſclarecidos dotes, que nacendo em terceiro lugar entre os filhos, parecia deſtinado para Primogenito: alta, & mageſtoſa eſtatura; membros bem proporcionados; compreiçaõ robuſta; forças exceſſivas; juizo comprehenſivo; memoria rara; diſcurſo prompto; lingua expedita; voz clara; locuçam diſcreta; inclinado à eloquencia; amante da elegancia; coraçaõ intrepido; inſigne na arte da Cavallaria; muy deſtro no jogo, & exercicio das armas; muy pratico nos eſtylos da politica; muy verſado nas leys da diſciplina militar. Todo eſte

compendio de prerogativas, que nelle realçavaõ com ventajosa singularidade, bastava para lhe formar huma lustrosissima coroa; mas naõ era esta a coroa, q elle mais amava: outra era a sua coroa de mais elevado preço.

Ps. 20 4 6 Qual seria? Sirvaõ de reposta hũas palavras do Psalmo. *Posuisti in capite ejus coronam de lapide pretioso.* Diz, que puzera Deos na cabeça de hum Rey huma coroa. O mesmo Deos foy o que poz a coroa na cabeça deste Rey? Sim; porque ha Reys, que saõ Reys por especial disposiçaõ divina: vem depois a mostrar o tempo, que foraõ designios da providencia, o que podiaõ parecer contingencias da fortuna. O tempo depois veyo a mostrar, quanto deve Portugal a Deos pelo grande Rey, que lhe deò. Lavrou Deos esta coroa em huma pedra: *Coronam de lapide.* Pedra, & Pedro, soberano equivoco, com tam boa correlaçaõ, que o mesmo Christo usou Matth. 16.18. delle: *Tu es Petrus, & super hanc petram.* Era pedra preciosa: *De lapide pretioso: hoc est, virtutibus ornato:* expoem Nicolao de Lyra. Nesta pedra, ou neste Pedro formou Deos huma coroa de virtudes. Esta era a sua coroa, que elle mais estimava: conhecia, que o seu preço excedia o valor de qualquer outra coroa; naõ quiz outra, esta foy a sua preciosa: *Corona capitis nostri: coronam de lapide pretioso: virtutibus ornato.* Com esta

mesma (jà que em vida naõ quiz outra) o ha de mostrar hoje o meu discurso, ainda depois de morto, coroado. Esta ha de ser a segunda parte do Sermaõ: o qual todo reduzido a hum só principio, intenta provar, que o nosso Rey coroou ao seu Reyno de glorias, & felicidades; & a si de virtudes. A Virgem Santissima me ajude, para que possa satisfazer a tam grande empenho.

Ave Maria.

§. II.

Corona capitis nostri: Corona gloriæ, diadema regni.

7 FOy o nosso soberano Rey coroa do seu Reyno; porque o coroou de glorias, & felicidades: ou nas pazes, que ajustou, & concluîo: ou na paz, com que governou: ou nas guerras, que emprendeo: ou no grande Successor, que nos deixou. Vamos ponderando todas estas glorias, & enxugando entretanto as nossas lagrimas.

8 Primeiramente coroou de glorias, & felicidades ao seu Reyno nas pazes, que ajustou, & concluîo com Hespanha, depois de vinte & sete annos de sanguinolẽta guerra. A mayor felicidade de hũ Reyno não cõsiste nas victorias q̃ se alcação, se as guerras cõtinuão: a razão he; por q̃ as victorias quãdo não saõ ultimas, & decisivas, não li=

livrão dos perigos. Se a cãpanha deste anno foy feliz; Deos sabe, a cãpanha do outro anno qual será. He a guerra hum Jano de duas caras obediente aos arbitrios da fortuna, que como tem por timbre o ser varia, quando menos se imagina, enfastia-se de prospera. Quantos dominios engolio a guerra, depois de grandes victorias? Diga-o Carthago convertida em cinzas: os mesmos triunfos, que conseguio, fizerão mais lastimoso depois o seu incendio. Não ha que fiar em victorias, se continuão as guerras. A verdadeira felicidade consiste no ajuste das pazes; porque só em esta felicidade se assegura, & estabelece hũ Reyno.

9 De Salamão, quando entrou a governar, diz a Escritura, que estabelecèra, & confirmàra
3.Reg. 3.1. o seu Reyno: *Confirmatum est regnum in manu Salomonis.* Pois aquelle Reyno não ficou estabelecido, & confirmado por David seu antecessor? David tam assinalado em vencer batalhas, que por isso mereceo as acclamaçoens de victo-
1.Reg. 18 7. rioso: *David autem decem millia*: como pode ser que não deixasse aquelle Reyno estabelecido, & confirmado? Reparem na differença entre hum
Pineda de reb. Salom. l.7.c.10 n.1. & outro Rey. Tanto que Salamaõ entrou a governar, logo no principio do seu governo (*Primo initio sui regni*: como diz o seu commentador Pineda) ajustou, & conclũio as pazes com todos

os

os inimigos confinantes. Elle o disse: *Nunc requiem dedit Dominus Deus mihi per circuitum: & non est satan, neque occursus malus.* Por isso mereceo a singular antonomasia de Rey pacifico: *Vinea fuit pacifico.* Esta he pois a razão, porque Salamaõ o pacifico, & não David o victorioso, foy o que confirmou, & estabeleceo aquelle Reyno: porque não se confirma, & estabelece hum Reyno com a felicidade das victorias, senão com a felicidade das pazes: *Confirmatum est regnum in manu Salomonis.*

3. Reg. 5. 4.

Cant. 8. 11.

10 Foy o nosso grande Rey o Rey pacifico dos nossos tẽpos. Quando tomou posse do governo, contava-se o numero das victorias pelo numero das batalhas: succedeo a hum Rey, a quem com muita razão podemos intitular o victorioso: mas que importa, se ainda o Reyno estava exposto aos perigos, & contingencias da guerra? A felicidade das victorias alegrava, mas não assegurava o Reyno: para o assegurar, que fez o nosso Rey? O mesmo, que Salamão fez: *Primo initio sui regni*: Logo no principio do seu governo o estabeleceo com a felicidade das pazes: com a sua firma o confirmou: *Confirmatum est regnum.*

11 Exaltou esta felicidade hũa circunstancia notavelmente decorosa para Portugal. E qual foy? Ser Hespanha a que pedio, & procurou as pazes. Mas que muito, depois de cansada com

hũa

hũa tam infeliz, & prolongada guerra? Muito mais foy ser Hespanha a que pedio, & procurou as pazes, antes da guerra publicada, mandando para isso seu Embaixador. O caso aconteceo, quando a Fortaleza de S. Gabriel nos confins do Brasil foy inopinadamente invadida, & occupada pelos Hespanhoes visinhos. Vio-se então na realidade em Portugal, o que Christo Senhor nosso suppoz no Evangelho como parabola.

12 Diz, que hum Rey mandàra seu Embaixador a outro Rey, pedindo pazes, estando ainda bem longe o Rey, de quem se temia: *Adhuc illo longè agente, legationem mittens, rogat ea, quæ pacis sunt.* Isto foy o que aconteceo em Portugal, com differença nos longes. No caso do Evãgelho, o longe era de terras, & não de guerras; porque as guerras já estavaõ publicadas: *Qui cum viginti millibus venit ad se.* No caso de Portugal, o longe naõ era de terras, era de guerras: naõ era longe de terras; porque hũa linha Mathematica divide a Portugal de Hespanha: era longe de guerras; porque dos aprestos, & prevençoẽs militares, havia muito que andar, para que chegasse a haver guerras. E que havendo ainda este longe: *Adhuc illo longè agente*: mandasse Hespanha hũ Embaixador a Portugal pedindo pazes: *Legationem mittens, rogat ea, quæ pacis sunt*! Oh tempo felicissimo! Que diràõ os vindouros, quando lerem

Luc. 14. 32.

Ibid. 31

rem este caso na Chronica deste insigne Rey? Dirão, que no seu tempo chegou Portugal a tam alto grao de reputação nas suas fronteiras, que bastava para atroar os ouvidos hũ boato de suas armas; huma ameaça de guerras, para lhe pedirem pazes. Isto he o que dirão os vindouros: & nós que diremos? Não devemos dizer menos; como agradecidos: digamos em breves periodos, o que elles dirão em muitos: digamos, que este Rey foy a coroa do nosso Reyno, coroa das nossas glorias, & felicidades: *Corona capitis nostri: Corona gloriæ, diadema regni.*

§. III.

13 ASsim conservou este pacifico Rey o seu Reyno em paz por espaço de trinta & cinco annos. Paz em hum Reyno por tam dilatado tempo! Felicidade rara. No Levitico prometteo Deos ao povo, que se fossẽ observantes da ley, lhes daria paz nas suas fronteiras: *Dabo pacem in finibus vestris.* He certo, Levit. 26.6. que David, Josias, & Ezechias observàrão fielmente a ley: & com tudo não chegárão a lograr paz nas suas fronteiras por espaço de trinta & cinco annos continuados: tam alta paz em hum Reyno, he paz muy rara: ainda quando Deos promette a paz, de maravilha acontece durar

por

por tam largo tempo. De hum Rey chamado Aſa refere a Eſcritura, que governára o ſeu Reyno em paz por eſpaço de trinta & cinco annos continuados: *Bellum non fuit uſque ad trigeſimũ quintum annum regni Aſa.* A expreſſaõ, & determinação do tempo, de que uſa o ſagrado Texto, denota ſer o caſo memorando, & que merece ſer celebrado nos annaes da poſteridade.

2.Paral. 15.19.

14 E que me dizem à duração deſta paz com tanto ſoſſego, & quietação? Cuidão que he pouco, lograr o Reyno huma paz tam diuturna, ſem q̃ em todo eſſe tempo aconteceſſe deſgraça algũa tam conſideravel, que baſtaſſe para a perturbar? Não ſey que tem a paz, que ſe logra neſte mundo; que nunca falta alguma deſgraça grande, que a perſiga. Nunca houve paz mais abonada, & promulgada com mayor ſolẽnidade, do que foy a paz, que os Anjos publicàrão em Belem: *Et in terra pax hominibus.* Eſcaſſamente paſſáraõ dous annos, quando na meſma Belem aconteceo hũa deſgraça tam grande, que mete horror o imaginalla, quanto mais o referilla. Entra de repente pelas portas da Cidade hum furioſo tropel de Soldados deshumanos, & vão paſſando a cutello, ſem reſpeito à compaixão, a mais de quatorze mil innocentes: a Cidade toda em prantos, em clamores, & gritos ao Ceo: correndo pelas ruas, pelas praças, & pelas caſas o ſangue dos fi-

Luc.2. 14.

lhos

lhos entre as lagrimas das mãys. Grande desgraça! Aonde está aquella paz, que os Anjos ha dous annos publicárão nesta mesma Cidade? Aonde está? Neste mundo, aonde não ha paz tam diuturna sem desgraça alguma grande, que a persiga. Por mais Anjos, que sejão os que a publicão: por mais innocẽtes, que estejão os que a logrão: ha de sobrevir algum successo notavelmente funesto, que a descomponha: se não for no primeiro, ha de ser no segundo anno.

15 E que huma Cidade não pudesse passar dous annos no sossego, & quietação da sua paz: & que huma Monarquia inteira, que se compoẽ de tanto numero de Reynos divididos por todo o mundo, pudesse passar tantos annos, como se tivesse passaporte da desgraça, para não ser a sua paz combatida de algum penetrante golpe! Venturosa paz, & mil vezes venturoso o Rey, que a sobscreveo, & sustentou!

16 O que mais admira, he, que durasse o sossego, & quietação desta paz, ainda naquelles annos, em que ardião em guerra todos os mais Reynos, & naçoens de Europa. Tudo erão conflictos, tudo estragos, tudo estrondos militares, por mar, & por terra: & Portugal em paz, quieto, & sossegado: o seu cõmercio livre, & desimpedido: as suas frotas indo, & voltando sẽ opposição: os seus portos francos, entrando, & sahindo

do

do no mesmo tempo navios daquellas mesmas naçoens, que erão entre si contrarias. Póde haver mayor felicidade?

17 Diz S. Joaõ, que neste mundo ha de haver hum Reyno, no qual ha de durar a paz com sossego, & quietação por espaço de mil annos: Apoc. 20.6. *Regnabunt cum illo mille annis.* Grande felicidade! Mas isto se entende, estando entretanto o Diabo prezo: *Apprehendit draconem, qui est Diabolus, & ligavit eum per annos mille.* Ibid. 2. Agora digo assim: Se he tam grande felicidade, haver paz em hum Reyno com sossego, & quietação, no mesmo tempo, em que o Diabo motor das guerras, & das desgraças está prezo: que felicidade serà durar em hum Reyno com sossego, & quietação, no mesmo tempo, em que servião as guerras acesas, as desgraças continuas, & o Diabo solto? Se naquelles mil annos, que ha de durar a paz naquelle Reyno, andasse o Diabo solto por hum anno: que seria? Eu não sey o que seria: o que sey, he, que muitos annos em Portugal ainda assim durou a paz. Grande Rey, q assim soube conservar o seu Reyno em tam admiravel paz, com tanto sossego, & quietação, tantos annos, & em tam arriscados tempos! Huma, & muitas vezes devemos eternizar a sua memoria com repetidos elogios, dizendo, que este Rey foy a coroa do nosso Reyno,

no, coroa de noſſas glorias, & felicidades: *Corona capitis noſtri: Corona gloriæ, diadema regni.*

§. IV

18 MAs todavia não foy o noſſo Rey tam pacifico, que não chegaſſe tãbem a rompimentos de guerra, quando aſſim o requerião a circunſtancia do tempo, & a juſtificação da cauſa. Verificouſe nelle aquella admiravel concordia entre a paz, & a juſtiça: *Juſtitia, & pax oſculatæ ſunt.* Pſal.84. 11. Amava muito a paz: mas não ſe eſquecia das armas da juſtiça, que ſaõ balança, & eſpada: balança, para juſtificar a cauſa; eſpada, para emprender a guerra: juſtificou a guerra, & deſembainhou a eſpada. O ponto eſtà, ſe foy tam feliz o ſeu governo no tempo da guerra, como no tempo da paz: quem o duvida?

19 Que mayor felicidade, do que acertar o noſſo Rey no partido, que ſeguio? Como me não poſſo explicar muito, quero valerme de hũ ſucceſſo antigo. Huma das guerras mais crueis, & porfiadas, que houve nos tempos antigos, foy entre dous acerrimos competidores, Nabucodonoſor Rey dos Babylonios, & Faraó Necao 4.Reg. 23.29. Rey dos Egypcios. Deliberouſe Joſias a ſeguir 2 Paral. 35.22. o partido de Nabucodonoſor: podia ſer a cauſa,

impedir, que não passasse (como de necessida-
de havia de passar) pelas suas terras o exercito de
Necao; porque as havia de deixar assoladas, &
destruidas. Que causa mais justificada? Com
ser isto assim, não acertou Josias; porque logo
na primeira batalha ficou morto, roto, & desba-
ratado todo o seu exercito. Succedeo depois no
4. Reg. 23.34. governo Joachim, & variou de sistema, pondose
da parte de Faraó Necao: podia ser a causa, que-
rer assegurarse, vendo, que inclinava para aquel-
la parte todo o pezo da fortuna. Que causa mais
precisa? Com tudo, não acertou Joachim; por-
que veyo contra elle Nabucodonosor, & o derro-
4. Reg. 24. 1. tou, & destruîo de sorte, que nunca mais levan-
tou cabeça o Reyno de Israel. Valhame Deos!
Nenhum dos dous acertou, nem Josias, nem Joa-
chim? Nenhum dos dous: porque em semelhã-
tes casos, ainda que a causa seja muy justificada,
não he facil o acertar. Não duvido, que a reso-
lução de hum, & outro Rey fosse bem discutida,
& ponderada nos conselhos de Ministros esco-
lhidos, & experimentados: serião sem numero as
conferencias, as consultas, & os arbitrios; nada
foy bastante, para que o ultimo assento, que se
tomou, fosse acertado. E a razão he: porque o
entendimento humano, por mais profundo que
seja, não adivinha os futuros, nem póde prevenir
a viravolta dos casos, que estão ainda occultos,
&

& encubertos na contingencia dos tempos.

20 Feliciſſimo Rey, que aſſim ſoube acertar no partido, que ſeguio, como ſe adivinhaſſe! Mas donde ſe infere a felicidade deſte acerto, ſe as guerras continuão? Diſcorra cada hum comſigo, combine as cauſas, & os effeitos; & logo verà o muito, & o quanto ſe póde inferir. O que eu poſſo fazer, he, ſahir com duas figuras, que repreſentem o que paſſou, vivendo ainda o noſso Rey.

21 Sahirão a deſafio David, & o Filiſteo: David, pequeno de corpo, mas fortiſſimo de braço; eis-aqui Portugal: o Filiſteo, de vaſtos, & agigãtados membros; eis-aqui Heſpanha. Obrou maravilhas no conflicto David com a funda, & com a eſpada: com armas ao perto, com armas ao longe. Obrou proezas Portugal com armas ao perto, nas ſuas fronteiras; com armas ao longe, no mais interior de Heſpanha: ao perto, rẽdendo, & ſujeitando Praças; ao longe, fazendoſe temido, & reſpeitado em tam remotos Paîzes; obedecidas as ſuas ordens, defendidos os que ſe renderão, caſtigados os que reſiſtirão, ou ſe rebellàrão. David ſem errar a pontaria, pregou a pedra na teſta do Gigante: na teſta de Heſpanha, na meſma Corte de Madrid imprimio a pedra de Portugal o ſeu impulſo, acclamando, & fazendo acclamar por legitimo Rey a Carlos Terceiro:

1. Reg. 17.

ceiro: & o que he mais, (quem tal cuidàra?) hum Rey de Portugal na meſma Corte de Madrid foy publicamente proclamado Protector de Heſpanha. Quem não palma das voltas, que dà o mundo na roda dos tempos? Se os Portuguezes em outro tempo, que eu ſey, ouviſſem contar todos eſtes ſucceſſos, como profecias; havião de dizer, que erão ſonho, ou fantaſia. Porèm os Portuguezes deſte tempo, que os ouvirão, & celebràrão, bem podem dizer o que dizia David fallando litteralmente da pedra, que pregou na teſta do Gigante: *In petra exaltavit me*:
Pſ.26.6 Por meyo de huma pedra, ou por meyo de hum Pedro logramos as mayores exaltaçoens. Eſta pedra, ou eſte Pedro foy a coroa do noſſo Reyno; coroa de noſſas glorias, & felicidades: *Corona capitis noſtri*: *Corona gloriæ, diadema regni.*

§. V.

22 ENtre todas eſtas felicidades não avulta menos a ſucceſſão, que o noſſo Rey amantiſſimo ſempre do ſeu Reyno lhe deixou, como herança depois de ſua morte. Succeſſão em hum Reyno, grande felicidade! Sò aquelle Reyno, que padece a ſua falta, conhece bem a ſua importancia. Quem quizer medir a ſua grandeza, pondere a cauſa das turbulencias, & tempeſtades;

que ſe levantàrão,& ainda continuão, cada vez mais implacaveis, por quaſi toda Europa. No theatro da Natureza ſe repreſenta todas as noites hũa ſcena de confuſões, por não haver depois de hum Sol poſto ſucceſſaõ immediata de outro Sol nacido.

23 Poem-ſe o Sol, ſegue-ſe a noite: a Lua, tal vez minguante, quer q̃ lhe cõpita o preſidir: os Planetas vagos varião a cada paſſo ſeus erran-tes movimentos, huns para o Tropico do Norte, outros para o Tropico do Sul: huns firmes, & eſtacionarios; outros inconſtãtes, & retrogrados. As Eſtrellas mais pequenas, divididas como par-ciaes em varias conſtellaçoens, não ſoſſegão, já ſubindo, já decendo: todas com tanta variedade de formas, & figuras, quantas na Esfera ſouberão fingir as fabulas. Os Ceos entretanto em huma roda viva dando voltas; o Ar entre nuvens; a Terra entre ſombras: tudo revolto, influindo tudo triſtezas, & melancolias. Os que então querẽ viver, deixaõ-ſe eſtar dormindo quietos no ſeu retiro. Que he iſto? Que confuſaõ he eſta? Saõ conſequencias de hum Sol poſto, ſem ſucceſſaõ immediata de outro Sol nacido.

24 Oh que grande felicidade foy a noſſa! Livrou-nos Deos de hum mal tam grande: ſem q̃ ſe interpuzeſſe noite alguma, depois de hum Sol poſto, logramos immediatamente outro Sol na-

cido. Aconteceo em Portugal ao pè da letra o
Gen.1.5 que diz aquelle texto : *Factum eſt veſpere, & manè, dies unus* : de huma tarde , & de huma manhãa ſe compoz hum dia. Reparão aqui todos, como podia ſer no meſmo dia, primeiro a tarde, & depois a manhãa. Vio-ſe o caſo em Portugal. Depois da tarde de hum Sol poſto , ſuccedeo immediatamente a manhãa de outro Sol nacido : depois de hum Rey morto , hum Rey vivo: & tudo foy no meſmo,& em hum ſó dia: *Veſpere , & manè , dies unus*. Eſta foy a felicidade , que o noſſo Rey , ainda depois de morto benefico, deixou ao ſeu Reyno.

25 Mas naõ ſeria digna de tam grande eſtimaçaõ, ſe naõ vieſſe acompanhada com outra , de que tambem depende a conſervaçaõ de huma Monarquia. Que aproveita ſucceſſaõ , ſe o ſucceſſor naõ he qual deve ſer ? Se o ſucceſſor de hum Titan for algum Faetonte ; que ſerà do triſte Reyno com tal ſucceſsor ? Oh quam grande he a protecçaõ, & providencia , cõ que Deos favorece ao Reyno de Portugal ! Logramos hũa , & outra felicidade : ſucceſſaõ, & taõ grande Succeſsor,qual he o muito alto, & muito poderoſoRey,& Senhor N.D. Joaõ V. a quẽ deſde o novo mundo conſagramos nas aras da fidelidade o applauſo das noſsas acclamaçoens cõ repetidos vivas envoltos no affecto daquellas vozes:

zes:

zes : *De nostris annis.* Este he o grande Succesor.

26 O Ecclesiastico parece, que o descreve, dizendo assim : *Mortuus est pater ejus, & quasi non est mortuus : similem enim reliquit sibi post se.* Diz, que morrèra hum pay, & quasi naõ morrèra; porque deixàra por succesor de sua casa a hũ filho semelhante a si. Em que consistio esta semelhança? Consistio, diz o mesmo texto, no talento, & juizo, que mostrava o succesor para defender a sua casa, conservandose na liga de amigos contra inimigos, como no tempo de seu pay : *Reliquit enim defensorem domûs contra inimicos, & amicis reddentem gratiam.* Por isso o Pay morreo, & quasi naõ morreo: morreo; porque acabou a vida : *Mortuus est pater ejus* : quasi naõ morreo; porque continuàraõ no tempo do succesor as mesmas felicidades, a mesma liga, & o mesmo governo, como se o pay naõ morrèra *Quasi non est mortuus.* Venturosa casa com taõ grande succesor!

Eccl. 30. 4.

Ibid. 6.

27 Muito mais vẽturoso o nosso Reyno; porque naõ sò logramos hum Successor semelhante a seu Pay no juizo, & talento, que mostra, para defender o Reyno, para conservar as alianças, para continuar o progresso das nossas felicidades; porèm muito mais que semelhãte, no pronostico das nossas esperãças. Assim o promettem os seus heroicos dictames, & as suas insignes prendas,

quantas admira o mundo, & apregoa a ſama. Aſſim o deſeja, & roga a Deos com inſtancia o Reyno todo, applicando ao noſſo Rey morto aquelles euges, & gratulaçoens, que outro Reyno cõ outro igual ſucceſſor dedicou a hum Rey ainda

3. Reg. 1. 47. vivo: *Magnificet Deus thronum ejus ſuper thronum tuum*: Engrandeça Deos o trono de teu ſucceſſor ſobre o teu trono. Eſta he a mayor felicidade que póde deſejar hum Reyno: que o ſeu Rey lhe deixe hum ſucceſſor mais que ſemelhante a ſi: que ſeja muito mais feliz o ſeu governo, muito mais amplificado o ſeu Imperio, muito mais avultado o ſeu trono. Clamem pois de hũa parte as noſſas eſperanças, dizendo: *Thronum ejus ſuper thronum tuum*. Clamem pela outra parte as vozes do noſſo agradecimento, reconhecendo, que hum Rey, que nos deixou tam grande Succeſſor, foy a coroa do noſſo Reyno, a coroa das noſſas glorias, & felicidades: *Corona capitis noſtri: Corona gloriæ, diadema regni.*

§. VI.

28 TUdo quanto atè agora ponderey, ſaõ motivos, que exaſperão fortemente a noſſa dor. Cahio eſta coroa: *Cecidit corona*: cahio aquelle Rey, que coroou com tantas glorias, & felicidades ao ſeu Reyno. Oh

juſtiſſi=

justissima razão para hum profundo sentimento!
O mesmo Profeta, que lamentou a coroa cahida, o advertio em outro lugar, dizendo assim: *Humiliamini, sedete*: Humilhayvos, assentayvos. Jerem. 13 18.
Quer dizer: Entristeceyvos muito de assento, & de espaço. *Quoniam descendit de capite vestro* Ibid.
corona gloriæ vestræ: porque cahio de vosso Reyno a coroa de vossas glorias. Agora lembra as glorias, quando persuade as tristezas? Sim: porque fica mais sensivel o golpe das tristezas com a lembrança das glorias. Cahir na sepultura hũ Rey, que coroou com tantas glorias, & felicidades ao nosso Reyno; efficacissima razão, para que sejaõ as nossas magoas muito de espaço, & de assento: *Humiliamini, sedete.*

29 Poderà ter alguma consolaçaõ a nossa dor? Variemos de coroa: póde ser, que redobre o alivio com mayor excesso sobre a intensam do pezar. Dizia eu ao principio: (& tenho entrado na segunda parte do Sermaõ) dizia eu ao principio, que o nosso Rey tambem teve a sua coroa: *Corona capitis nostri*: coroa do nosso Rey: & que era coroa de virtudes a sua preciosa: *Coronam de lapide pretioso, virtutibus ornato.*

30 E que virtudes? Louvem outros a sua Justiça, espaçoso campo para hum largo panegyrico: engrandeção a rectidaõ, com que distribuhia os premios, cortando pelos affectos, & ra-

zoẽs

zoẽs particulares, por naõ faltar ao requerimento dos benemeritos. Louvem outros a ſua prudencia, diſcorrendo amplamente ſobre a madureza, com que ponderava os negocios huma, & outra vez, a fim de aſſegurar o acerto da reſoluçaõ. Louvem outros a ſua clemencia, eſprayandoſe em hum mar de exemplos: ou da benignidade, com que ouvia a ſeus Vaſſallos a qualquer dia, & a qualquer tempo por horas muy prolongadas, ainda incommodas: ou do ſeu genio naturalmente compaſſivo, com que deſejava remediar a todos, de tal modo, que ninguem ſe apartou de ſeus pès deſconſolado: ou da miſericordia, cõ que tẽperava os rigores da juſtiça, imitando a Deos, que mais vezes uſa do perdaõ, que do caſtigo.

31 Eſtas tres virtudes, Clemencia, Prudencia, & Juſtiça, baſtaõ para coroar a hum grande Rey; mas não baſtão para coroar a hum grande Rey de Portugal. Ha de ter hum Rey de Portugal outras tres virtudes annexas à inſtituiçaõ do ſeu Reyno, & por iſſo proprias, & genuinas da ſua coroa. Quaes ſaõ?

§. VII.

32 A Primeira he hum vehemente eſtimulo de guerra cõtra Infieis. Quãdo o noſſo primeiro Rey eſtava para dar batalha aos Infieis, entaõ lhe appareceo o Senhor, & inſtituhio

ſtituhio nelle o Reynado de Portugal. A circũſtancia do tempo, em que foy inſtituhido eſte Reynado, & a excellẽcia do motivo, que foy cauſa daquella guerra, excitàraõ ſempre ponderoſa reflexão nos ſucceſſores daquelle primeiro Rey, derivandoſe nelles, como eſplendor do ſangue, hũ bellicoſo, & generoſo eſpirito contra os Infieis. Se me perguntão, que virtude he eſta; reſpondo, que he huma eſpecie de Religião, a qual abomina, & deteſta (quanto póde) toda a impiedade, que lhe contraría. Irmana-ſe muito cõ Principes Heroes: ſuppoem fé viva em hum grande coração.

33 Neſta virtude ſe aſſinalou o noſſo heroico Rey, fazendo guerra aos Infieis em todas as quatro partes do mundo. Contra os Infieis na Europa; quando no ſeculo paſſado ſe abrazava em guerras o Danubio: o que não obrou com a eſpada, porque o não permitte a diſtancia; ſupprio com o ouro, & com a prata, que ſaõ as mais promptas officinas do ferro.

34 Contra os Infieis na Africa, quando os Mouros combatião Ceyta, elle a ſoccorreo com gente, armas, & muniçoens, avivando com a viſta dos preſentes a memoria dos antigos Portuguezes, que à cuſta do ſeu ſangue conquiſtàrão, & defendèrão tantos annos aquella garganta do Mediterraneo. Tambem no cerco de Oraõ acodio

dio aos Chriſtaõs com duas Armadas ; hũa das quaes, a pezar não ſó dos Mouros , mas tambem dos ventos, & dos mares , introduzio na Praça o ſoccorro, que levava.

35 Contra os Infieis na America; que por taes merecem ſer avaliados , os que ſervírão tantos annos de eſcandalo ao Braſil todo pelas impiedades, & tyrannias , com que o infeſtàraõ em tam exceſſivo numero, que ſubîrão de Geneva de Barbaros a Reyno dos Palmares , como ſe foſſe tranſplantado no coração da America o ſertão da Africa. Contra eſtes mandou ElRey formar algumas tropas ; as quaes depois de varios encontros, & reſiſtencias, finalmẽte os debellàrão , & extinguírão.

36 Contra os Infieis na Aſia, ou na defenſa de Goa tantas vezes ameaçada, & ainda poſta em cerco pelo rebelde Sobagi ; ficando eſte ſempre rebatido nos conflictos, humilhada a ſua ſoberba, & o ſeu campo derrotado : ou contra o perverſo Arabio, embaraçandolhe o commercio , & deſtroçãdolhe os baxéis nos ſeus meſmos mares. Apoderouſe o Mahometano da Fortaleza de Mõbaça (mais celebre pelo nome, do que pela fortificação) com ſucceſſo inglorio , porque nam havia nella preſidio de Portuguezes : que diligencias naõ fez ElRey pela reſtaurar ? Acodio Goa com Armada, com ſoccorros Lisboa , com

ſoc-

ſoccorro a Bahia. Naõ ſe reſtaurou; mas não foy o Barbaro o que o impedio; não foy o ſeu poder, não foraõ as ſuas armas: juizos de Deos occultos o impedirão.

37 Fruſtrouſe a empreza; mas naõ ſe fruſtrou a coroa, que o noſſo clariſſimo Rey mereceo, & conſeguio pelo fervor, & eſpirito, com que procurou ſempre pelas vias, que lhe eraõ poſſiveis, fazer guerra aos Infieis. Eſta virtude baſtava para o coroar.

38 Chama Deos a hũa alma para ſer coroada, & lhe diz, que venha do monte Libano, do monte Amana, dos montes Sanir, & Hermon, das covas dos leoẽs, & dos montes dos leopardos: *Veni de Libano, veni: coronaberis de capite Amana, de vertice Sanir, & Hermon, de cubilibus leonum, de montibus pardorum.* Dá motivo para reparar, hum texto de S. Paulo: *Non coronatur, niſi legitimè certaverit*: Ninguem ha de ſer coroado, ſenaõ quem pelejar valeroſamente. Contra quem havia de pelejar aquella alma, para merecer, & conſeguir a coroa? He proprio dos Cantares o ſentido myſtico. Aquelles aſperos, & deſpenhados montes, ſilveſtre habitação de brutos: *De cubilibus leonum, de montibus pardorum*: eraõ ſignificaçaõ (como dizem communmente os Expoſitores) das terras, & regioens, em que os Infieis habitaõ, pelas aſperezas, & precipicios

Cant. 4. 8.

2 ad Tim. 2. 5.

do

do ſeu inculto, & vaſto barbariſmo. Aqui tinha aquella alma contra quem pelejar: podia pelejar contra os Infieis. E de que modo? Daquelle modo, que póde pelejar huma alma, ou hum eſpirito fervoroſo em obſequio da Fé, & da Religiaõ: armandoſe a ſi, & armando tambem a muitos de hum forte impulſo contra os impios, que lhe ſaõ adverſos. Aſſim eſtá eſcrito no Livro da
Sap.5. 18.& 21. Sabedoria: *Accipiet armaturam zelus illius, & armabit creaturam ad ultionem inimicorum: pugnabit cum illo orbis terrarum contra inſenſatos.* Aſſim podia pelejar aquella alma, para merecer, & cõſeguir a coroa: *Veni, coronaberis.*

39 Tal foy a coroa do noſſo eſclarecido Rey Anhelou ſempre o ſeu eſpirito a fazer guerra aos Infieis, já no Libano da Europa, já no Amana da America, já no Sanir, & Hermon da Aſia, já nas covas dos leoens, & nos montes dos leopardos na Africa: que ſe havia de ſeguir, ſenaõ ficar glorioſamente coroado? Por ſer a virtude, que o coroou, tam guerreira; com coroa de rayos. Eſta podia ſer a ſua precioſa: *Corona capitis noſtri: coronam de lapide pretioſo, virtutibus ornato.*

§. VIII.

40 A Segunda virtude propria de hum Rey de Portugal, he o zelo das Miſſoens. Quando Chriſto Senhor noſſo inſtituhio

tuhio o Reynado de Portugal, apparecendo ao nosso primeiro Rey, lhe disse assim: (saõ palavras escritas em Latim no testemunho authentico do caso, como referem as nossas Chronicas) *Volo in te, & in semine tuo imperium mihi stabilire:* Quero em ti, & em teus successores estabelecer hum Imperio para mim. Advirtão. O Reyno de Portugal não he tanto para os Reys delle, como para o mesmo Christo, que o instituhio para si: *Imperium mihi.* E de q modo? O mesmo Christo o declarou: *Ut deferatur nomen meum in exteras gentes*: Para que por meyo dos Reys deste Reyno seja o meu nome publicado entre gentes estranhas. Nesta publicaçaõ do nome de Christo entre gentes estranhas, & remotas consiste o Imperio para Christo, conforme aquelle texto: *Dabo tibi gentes hæreditatem tuam.* Eis-aqui como he proprio de hum Rey de Portugal o zelo das Missoens, com encargo hereditario; porque para o fim das Missoens foy o seu Reyno instituido. Esta he a sua primeira, & principal obrigaçaõ: dilatar, & amplificar o nome de Christo por todo o mundo: *Ut deferatur nomen meum in exteras gentes.*

Monar. Lusit. 3. p. l. 10. cap. 5.

Ibid.

Ps. 2. 8.

41 Naõ digo, que o nosso singularissimo Rey excedeo no zelo das Missoens a todos os mais Reys seus antecessores: mas digo, que nenhum dos Reys seus antecessores o excedeo. O Rey, que

q̃ celebra a Eſcritura por inſigne neſta virtude, foy Joſafat, o qual no terceiro anno do ſeu Reynado ſe moſtrou notavelmẽte ſolicito em mãdar Miſſionarios pelas terras, & Cidades de Judea: *Tertio anno regni ſui miſit Levitas, & Sacerdotes: docebantque populum in Juda, habentes librum legis Domini; & circuibant cunctas urbes Iuda, atque erudiebant populum.* Naõ poſſo fazer comparação igual entre eſte Rey, & o noſſo Rey.

2. Paral. 17. 7. 8. & 9.

42 Eſte Rey tratou de Miſſoens no terceiro anno do ſeu governo: O noſſo Rey em trinta & oito annos, que governou, ſempre attendeo ao progreſſo das Miſſoens, com tam cuidadoſo, & vigilante zelo em hum anno, como no outro. Aquelle Rey contentouſe com mandar Miſſionarios pelas terras, & Cidades de hum ſó Reyno. O zelo do noſſo Rey naõ ſe reſtringio a tam pequenos limites: dilatavaſe amplamente pelas terras, & regioens, que eſtaõ debaixo de hum, & outro hemisferio. Miſſionarios para o Braſil, Miſſionarios para Angola, Miſſionarios para S. Thomè, para Cabo-verde, para a India; para o Malabar, para a China: media-ſe o ſeu zelo pelas medidas do Mundo. Aquelle Rey no ſeu anno de Miſſoens mandou dezaſeis Miſſionarios, aos quaes todos individúa a Eſcritura por ſeus nomes, eternizados em hum, & outro livro: no livro da vida, que ha na terra; & no livro da

vida

vida, que ha no Ceo, como ſuppomos. Naõ ſabemos, que obraſſe mais eſte Rey: porèm ſabemos, que o noſſo Rey obrou muito mais.

43 Quam grande he, & tem ſido o numero dos ſeus Miſſionarios! Para aumentar eſte numero, determinou rendas, & conſignaçoens com larga mão, como quem armava ao mayor de tãtas almas, que entheſourava no Ceo. Inſtituhio a Junta das Miſſoēs, nomeando por ſubſtitutos, & coadjutores do ſeu zelo peſſoas de authoridade, que attendeſſem a promovellas com eſpecial ponderaçaõ. Foy advertencia de muitos, que abraçava ElRey com ſummo agrado todos os cõformes, & reſoluçoens deſte congreſſo, eſpertando a execuçaõ com ſingular empenho. Como ſe naõ baſtaſſe haver Junta de Miſſoens em Lisboa, ordenou, que a houveſſe tambē nas Cidades principaes ultramarinas, para que mais ao perto ſe examinaſſem os meyos opportunos para tam alto fim. Sobre Miſſoens eraõ frequentes as cartas, que fazia eſcrever aos Biſpos, & Governadores, & aos Prelados das Religioens, com termos tam encarecidos, que bem moſtrava ſer eſte hum dos mayores empregos do ſeu cuidado. Deſpediaõ-ſe delle os Miſſionarios, que partiaõ de Liſboa; & paſmavaõ da efficacia, com que diſcorria pelas razoens, & motivos, que os podiaõ affervorar no exercicio das Miſſoens. Liaõ-ſe muitas vezes em ſua preſença, como liçaõ eſpiritual, as

cartas dos ſeus Miſſionarios: & algũa vez aconteceo, que as ouvio ler, ſaindolhe pelos olhos desfeito em lagrimas o zelo do coraçaõ.

44 Oh Rey incomparavel! Oh eſpirito verdadeiramẽte de hũ Rey Portuguez! Eſſas lagrimas, em que brotou o teu ardente zelo, eraõ as mais ricas perolas do teu theſouro. Grande foy o teu poder, grande a ſoberania, com que reynaſtes em huma Corte de tam grande opulencia, em hum Trono de tam grande Mageſtade, em hum Palacio, aonde aſſiſtiaõ, & ſerviaõ tantos Grandes: mais ǵ tudo, & ſobre tudo avultou eſte teu zelo.

45 Lá diz hum verſo do Pſalmo, que houve hum Rey em Jeruſalem conſtituido Rey ſobre
Pſ.2.6. o monte Sion: *Conſtitutus ſum rex ſuper montem Sion.* Jeruſalem eſtà ſituada em huma como ladeira larga, & eſpaçoſa, que ſobe para o meſmo monte, que por ſer altiſſimo, com razaõ ſe póde chamar o Olympo da Paleſtina. O que admira, he, que naõ foſſe eſte Rey conſtituido Rey na ſua Cidade, aonde tinha a ſua Corte, o ſeu Trono, & o ſeu Palacio. No cume de hum monte? Sim. Era Rey, que tinha tomado por primeira maxima zelar as Miſſoens, promulgando a ley
Ibid. de Deos por todo o mundo: *Super montem Sion prædicans præceptum ejus: hoc eſt, legem Dei:* expoẽ
Lor.ibi Lorino: & acrecenta: *Per omnes gentes, per univerſum orbem.* Zelar Miſſoens hum Rey, tam alta, & ſoberana empreza; que tudo o mais lhe fica

fica muito abayxo : Cidades , Tronos, Palacios , tudo lhe fica ao pè do monte: o zelo das Miſſoẽs no cume, ſobre tudo, & mais que tudo : *Super montem Sion prædicans legem Dei per omnes gentes, per univerſum orbem.*

46 Aſſim avultou no noſſo Rey, mais que tudo, & ſobre tudo o mais, o ſeu zelo de Miſſoẽs: avultou ſobre o cume de todas as ſuas grandezas: tam alto ſubio, que o coroou. Com que coroa? Com aquella coroa, a que alludio S. Paulo, quãdo diſſe, fallando com os ſeus convertidos : *Vos eſtis corona mea* : Vós ſois a minha coroa. Podia o noſſo zeloſiſſimo Rey lançar os olhos por todo eſſe mundo , deſde o Tejo atè muito além do Ganges ; & contemplando hum numero ſem numero de almas convertidas por meyo dos ſeus Miſſionarios, podia dizer : *Vos eſtis corona mea* : Ad Phil 4.1.
Vós ſois a minha coroa. Com eſta coroa o coroou o ſeu zelo de Miſſoens : por ſer coroa illuſtrada com o lume da Fè, foy coroa de reſplandores : eſta podia ſer a ſua precioſa : *Corona capitis noſtri : coronã de lapide pretioſo , virtutibus ornato.*

§. IX.

47 A Terceira virtude eſpecialmẽte appropriada a hum Rey de Portugal , he a piedade Chriſtãa. Quem conſiderar attentamẽte a inſtituição do Reyno de Portugal, achará , que tudo quanto nella interveyo , foraõ ſymbolos, & repreſentaçoens deſta virtude. Pintemos em hũ

quadro a nosso primeiro Rey posto de joelhos, todo enlevado,cõ os olhos fixos em hũ Christo crucificado. Devotissima idéa! Sairáõ da boca do mesmo Senhor aquellas divinas palavras:
Monar. Lusit. *Agnoscant successores tui datorem regni*: Reconheçaõ os teus successores a quem lhes deo esteReyno. Affectuosa recomendação! Assistiráõ de hũa,
Ibid. & outra parte innumeraveis Anjos: *Ex una, & altera parte multitudo juvenum candidissimorum, quos Sanctos Angelos fuisse credo.* Entre os quaes avultará hum Anjo de superior jerarquia, Anjo da guarda do Reyno, o qual estarà sustentando as insignias do mesmo Reyno,dispostas,& ordenadas pelo mesmo Senhor crucificado, todas expressivas da devaçaõ, & piedade Portugueza.Cin-
Ibid. co escudos dentro de hum escudo: *Propter Crucem, & quinque vulnera*: em memoria da Cruz, & das cinco Chagas. Dentro de cada hum dos escudos as trinta moedas, que foraõ o preço da
Ibid. nossa redempçaõ: *Ex pretio, quo humanum genus emi.* Sobre todas estas insignias a Serpente de
Ibid. bronze: *Ob figuram Christi*: por ser figura de Christo. Vejaõ, que divisas tam pias, & tam devotas! No mesmo quadro,de hũa,& outra parte,grãde multidaõ de Portuguezes armados, acõpanhando a seu Rey, todos de joelhos, ouvindo o que o mesmo Senhor lhes diz: *Regnum mihi sanctificatum, fide purum, pietate dilectum*: Este he o Reyno santificado, puro na Fé, amado por sua pie-

piedade. Eis-aqui a pintura da inſtituiçaõ do Reyno : a qual toda, & em tudo reſpira piedade Chriſtãa.

48 O noſſo Auguſtiſſimo Rey a appropriou tanto a ſi ; que bem merece a inſigne nomenclatura de Pio, cõ q̃ geralmente o acclamaõ todos. Eſta he a mayor acclamaçaõ, que póde conſeguir hum Rey : vem a lograr hum Rey da terra por attribuiçaõ aquelle titulo, que ſó compete, como diz hum texto , ao Rey do Ceo por attributo : *Solus pius es*. Advertencia , que fez ao Emperador Honorio o ſeu panegyriſta, ainda como politico, encomendandolhe muito, que aſpiraſſe no ſeu governo em primeiro lugar ao titulo de Pio: *Sis pius in primis*. Para hum Rey merecer eſte titulo com verdade, ſaõ muitas as virtudes , que deve exercitar : as quaes por ſerem ſubalternadas à piedade, bem ſe podem chamar piedades, como diz o Sabio. *Quorum pietates non defuerunt*. Deve ſer muy obediente à Sè Apoſtolica , bem affecto ao eſtado Eccleſiaſtico , propenſo às Religioens, amigo dos virtuoſos. Deve eſmerarſe no culto divino, na devaçaõ ao Santiſſimo Sacramento , à Virgem Santiſſima , & aos Santos , particularmente aos eſcolhidos por eſpeciaes interceſſores, & advogados. Deve frequentar os Sacramẽtos , aſſiſtir com pontualidade aos Officios divinos, & ſujeitarſe tambem aos rigores da penitencia. Todas eſtas virtudes deve exercitar hũ Rey,

Apoc. 15.4.

Claud. de 4. conſul.

Eccl. 44 10.

para merecer ſem dependencias da liſója o venerando appellido de Pio. De todas deo ao mundo ſingulares demonſtraçoens o noſſo pijſſimo Rey.

49 A' Sé Apoſtolica quam ſujeito, & rendido! Neceſſario foy algumas vezes allegar o ſeu direito: mas com quanta ſubordinaçaõ áquelle ſupremo arbitrio? Obedientiſſimo ſempre, como Rey de Portugal, a tudo ſe accõmodou, prezandoſe mais de filho da Igreja, que de Rey. Ao eſtado Eccleſiaſtico com quantas moſtras, naõ ſó de benevolencia, mas ainda de reverencia o tratou, & reſpeitou! Naõ queria, que os Principes deſſem a maõ a beijar aos que tomaõ a Deos nas maõs: nem tinha por deſdouro da Mageſtade, olhando para elles, abaixarlhes a cabeça, venerando nas figuras de Chriſto ao figurado.

50 Que direy da inclinaçaõ, & affecto, que teve às Religioens, naõ ſó favorecendo-as com dadivas, & proviſoens ampliſſimas, mas ainda promovendo (quanto cabe na Real esfera) o ſeu aumento, quietaçaõ, & obſervancia? Eſpecialmente amava aos Religioſos de conhecida virtude: tratava-os familiarmente, dizendolhes, que era amigo ſeu: como quem ſabia, que naõ perde hum Rey o ſoberano, ſendo amigo dos virtuoſos. Geralmente naõ havia para elle mayor valia, nem motivo mais preponderante, do que a virtude: lãçava logo as ſuas linhas para qualquer externa ſuperficie, que de algum modo ſe con-

for-

formava com o centro da ſua piedade.

51 No culto divino quanto ſe eſmerou! Os Tẽplos, & os Altares declamaráõ ſempre os encomios da ſua devaçaõ inſeparavelmente unida com a ſua magnificencia. Ao Santiſſimo Sacramento quam entranhavel foy a ſua veneraçam! Innumeraveis vezes no dia o viſitava; deſpertando-o para repetir a cada paſſo eſtas viſitas a Fè, que tinha muy viva, de tam alto myſterio. Todas as vezes, que no deſpacho ſe nomeava o Santiſſimo Sacramento, pronunciava logo em voz clara, & muito devagar: *Louvado ſeja o Sãtiſſimo Sacramento*: & o mais, que ſe vày ſeguindo; ficando tudo em ſuſpenſaõ, em quanto aquelle peito deſaffogava o fervor, que nelle ſe accẽdèra.

52 Naõ foy menos cordial a ſua devaçaõ à Virgem Santiſſima. Todos os Sabbados viſitava huma Ermida da meſma Senhora com o titulo das Neceſſidades, diſtãte huma legoa de Lisboa, enriquecendo-a com grãdioſas offertas. A mayor de todas era o ſeu coraçaõ.

53 No obſequio dos ſeus Santos quam cuidadoſo, & diligente! Ao Patriarca S. Franciſco tributava ſingulariſſimo affecto: entrou por ſeu Irmaõ Terceiro, & entaõ moſtrou ſer em tudo primeiro que todos, tanto na edificaçaõ, como na Peſſoa. Na translaçaõ da Rainha Santa quam empenhado, & ſolicito! Mandou fabricar hũa Capella cõ eſplendididiſſima ſumptuoſidade, para depoſi-

poſitar nella o bẽdito Corpo:& diſpoz hũa tam ſolẽne, & mageſtoſa põpa, qual por vẽtura Coimbra mudada entaõ em Lisboa nũca vio mayor. Em honra dos ſeus Santos, naõ ſabia reparar em gaſtos o ſeu igualmente pio, & generoſo animo.

54 Quanto à frequencia dos Sacramentos: naõ faltava, como Graõ Meſtre da Ordẽ de Chriſto, à obrigaçaõ de ſe cõfeſſar, & cõmungar, alèm de outras muitas vezes, nas quatro feſtas do anno. Grãde Meſtre; porq enſinava cõ o ſeu exemplo: grãde Rey; porque ſabia ſer na Ordem de Chriſto grãde Meſtre. Quando ſe confeſſava, como era de coraçaõ brando, & timorato, facilmẽte rõpia em lagrimas. Oh eſpectaculo digno de que lhe ſirva o meſmo Ceo de theatro! Hũ Rey chorãdo as ſuas culpas, poſto de joelhos aos pès de hũ Cõfeſſor.

55 Em aſſiſtir aos Officios divinos quam põtual! Ouvia Miſſa todos os dias cõ tanta decencia, cõpoſiçaõ, & modeſtia; q baſtava a ſua preſença, para infũdir devaçaõ. Trinta & ſeis Miſſas mãdava dizer todos os dias por ſua intençāo: tam devoto era deſte ſacroſanto Sacrificio. Em ouvir Sermões quam attẽto, & reflexivo! Goſtava da palavra de Deos; porq ſẽpre teve propẽſaõ aos goſtos da alma: nẽ havia para elle cõverſaçaõ mais goſtoſa, do q ſobre materias eſpirituaes. Oh como parece bẽ hũ Rey tẽporal, & eſpiritual juntamẽte! Eſte he o Rey verdadeiramẽte feliz; porq attẽde a cõſeguir

hum

hum Reyno depois do outro: depois de hũ Reyno temporal, outro eterno.

56 No exercicio da penitẽcia, sendo Rey de tãto mundo, foy tyrãno de si mesmo. Oh q̃ confusaõ para aquelles, q̃ estaõ tam longe de serẽ Reys, como de serẽ penitentes! Nos ultimos annos de sua vida, hũ anno inteiro dormio sobre hũa taboa. Duro supplicio, penar nas mesmas horas do descanso, descansar no mesmo lugar do tormẽto. Servio de intercessora hũa doença grave, q̃ impedio a continuaçaõ do castigo, q̃ elle contra si mesmo fulminou. Havia muitos annos, q̃ jejuava todas as sextas, & sabbados cõ tal rigor, q̃ nunca quiz, ainda cõ justa causa, dispensarse para comer carne. Todas as sextas feiras da Quaresma jejuava a paõ, & agua: todas as quartas, sextas, & sabbados tomava rigorosas disciplinas, & cilicios. Hũa taboa por cama; jejuns a paõ, & agua; disciplinas, & cilicios: q̃ mais faz hũ Eremita no seu deserto? Isto fez hum Rey no seu Palacio. Oh que grande maravilha!

57 Vejaõ agora, cõ quanta razaõ o engrãdece o mundo cõ o titulo de Pio. O mundo lhe tẽ dado o melhor titulo: & sua piedade lhe deo a melhor coroa. Que melhor coroa, q̃ cada hũa das virtudes, q̃ como Rey tam pio exercitou? Aquelle coroado tam applaudido no Apocalypse, bẽ mostrava ser figura de hũ Rey pio, pelas muitas, & singulares virtudes, q̃ nelle resplandeciaõ. Mas he digno de reparo, q̃ o visse S. Joaõ coroado com

mui-

Apoc. 19. 12. muitas coroas : *In capite ejus diademata multa.* Para ǵ tantas coroas? Naõ baſtava hũa ſó? Nam podiaõ deixar de ſer muitas as coroas neſte Rey, ſendo tantas as virtudes, cõ ǵ o illuſtrava a ſua piedade: em cada hũa das virtudes cõſeguia hũa coroa. *In ſingulis virtutibus coronam accipit:* diſſe S. Jeronymo. Aſſim foy o noſſo Rey coroado : naõ quiz hũa coroa, & coroouſe cõ muitas : a ſua piedade lhe fabricou em hũ cõplexo de virtudes hũ aggregado de coroas: cada hũa dellas podia ſer a ſua precioſa: *Corona capitis noſtri: coronam de lapide pretioſo, virtutibus ornato.*

Sylv. in Apoc. c.19.q. 36.n. 290.

§. X.

58 CAhio eſta coroa: *Cécidit corona.* Como cahio? Vejamos primeiro, como foy a cahida do ſeu coroado. Logo nos primeiros aſſaltos da doença ſe diſpoz para hũa Confiſſaõ geral, que fez cõ muita devaçaõ, com muitas lagrimas, cõ todos aquelles ſinaes exteriores, que coſtumaõ ſer eſpelho de hũ coraçaõ cõtrito, & humilhado. Eſta foy a ſua primeira diligencia ; porǵ trazia diante dos olhos a ſua alma primeiro ǵ tudo. Reconciliouſe muitas vezes, repetindo em cada hũa as meſmas demonſtraçoẽs cõ tanta efficacia, quãta ſe póde imaginar de quem tinha tam bons habitos, & conhecia, ǵ aquellas eraõ as ultimas horas de ſua vida. Recebeo o Santiſſimo Viatico, & o Sacramento da Unçaõ, cõ enternecidos affectos, cõ fervoroſos actos de Fè, Eſperança, & Carida-

de;

de; cõ proteſtos firmes, de q́ morria como Chriſtaõ filho da Igreja. Aſſim diſpoſto ; depois de applicadas as Indulgencias,depois de advertir , & recomendar o q́ convinha,ou como Rey , ou como Pay; com grande confiança na divina miſericordia; com grande conformidade , paz,& ſoſſego; entre as ſuaviſſimas invocaçoens de Jeſus, & Maria,entregou o eſpirito a ſeu Creador. Oh alma ditoſa ! Já ſabes , quanto acertaſte na coroa, que eſcolheſte.

59 Mas que importa? Veyo finalmente a cahir eſta coroa : *Cécidit corona.* Naõ podia cahir mal, cahindo tam felizmente o ſeu coroado. Conſolemonos; porq́ cahio na maõ de Deos , & ficou inteira,como coroa de hũ Rey tam juſto : *Juſtus cùm ceciderit,non collidetur : quia Dominus ſupponit manum ſuam.*Cahio na maõ deDeos,para melhorar de eſmaltes com novo reſplandor , & fermoſura : *Diadema ſpeciei de manu Domini.* Cahio, para levantar de preço : cahio, para ſubir mais: era coroa de merecimentos , já he coroa de premios : era coroa de virtudes, já he coroa de glorias. Cahio em boas maõs, nas quaes achou deſcritas as meſmas virtudes, de que ſe compunha : *In manibus meis deſcripſi te.* Aſſim cahio eſta coroa : *Cécidit corona.*

Pſal.36. 24.

Sap.5. 17.

Iſai.49. 16.

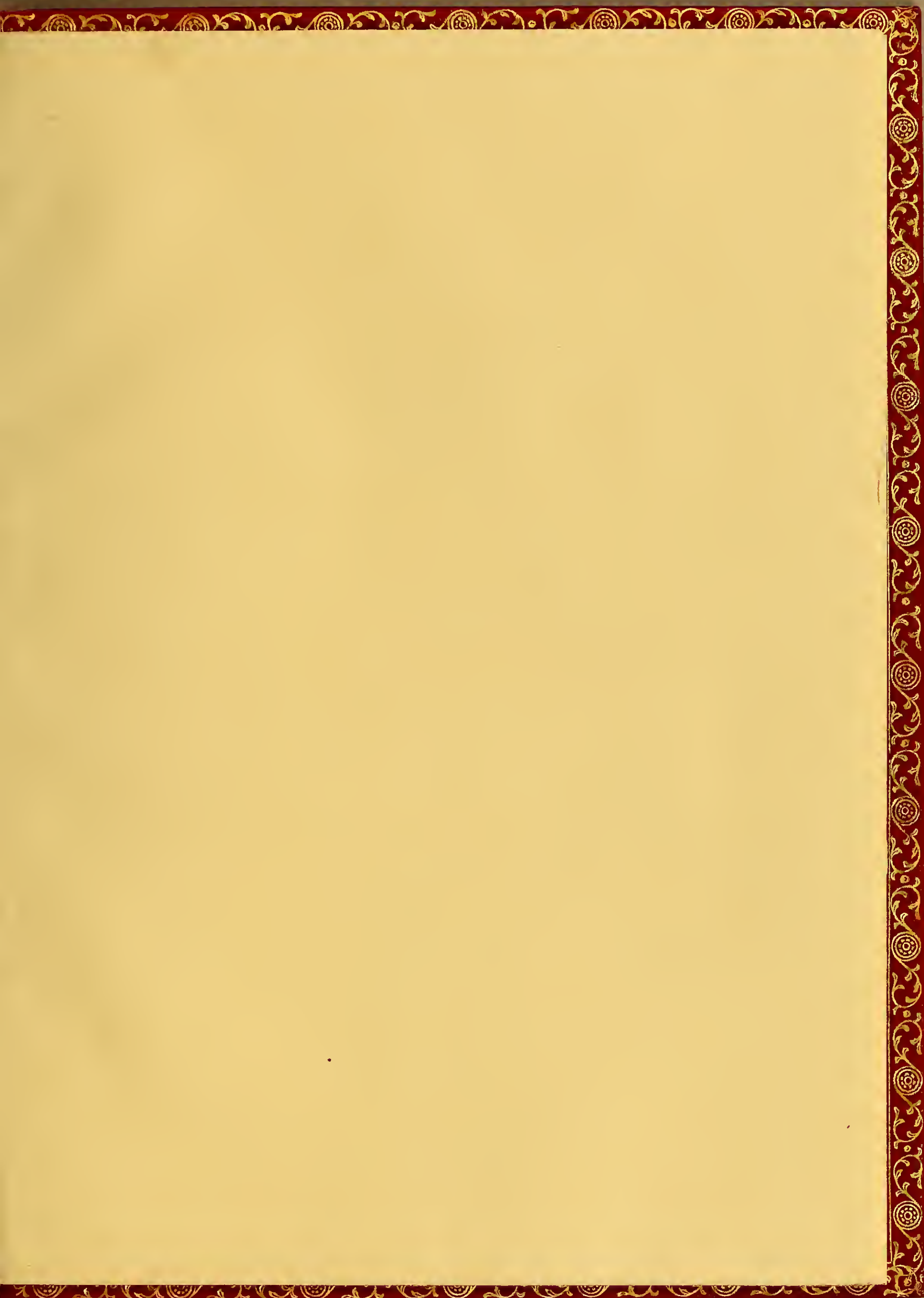
60 Conſolemonos ; porque aſſim cahio tãbem o ſeu coroado. Cahio na terra,& reflectio para o Ceo,aonde tinha o ſeu centro. Cahio no ponto

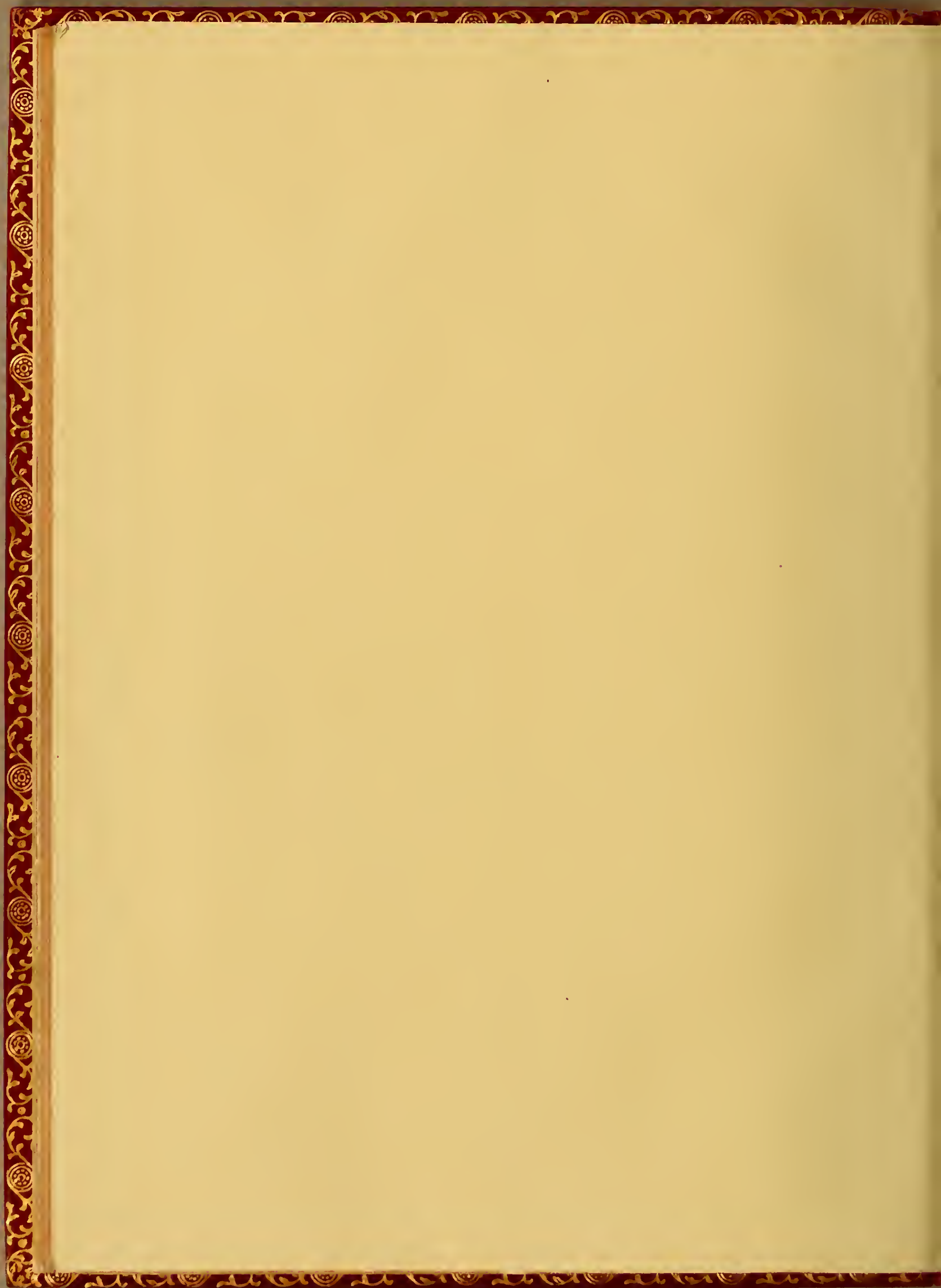
da

da reflexaõ, que he o fim da vida ; & logo achou nelle o ſeu deſcanſo. Cahio da noſſa viſta ; ficou na noſſa lembrança, para nunca cahir mais. Cahio no mar das noſſas ſaudades, o qual nunca poderáõ eſgotar nem os annos, nem os tempos , nẽ o eſquecimento. Os meſmos marmores da ſepultura, em que cahio, ſeráõ monumentos perẽnes de ſua immortal memoria : as meſmas letras do ſeu nome cahidas no ſeu epitafio , ſeráõ caracteres inextinguiveis de ſua plauſivel fama.

61 E tu, ô Portugal, em quanto as aguas do Oceano forem ſulcadas pelos teus baxeis : em quanto hum , & outro Sol allumiar as terras do teu Imperio : em quanto durar nos livros a gloria, & luſtre de tuas emprezas ; naõ deixaràs de reconhecer,& apregoar , que tiveſte neſte Rey hum grande Rey, coroa do teu Reyno, coroa de tuas glorias, & felicidades : *Corona capitis noſtri : Corona gloriæ,diadema regni.* Naõ deixaràs de applaudir,& venerar a coroa de ſuas heroicas virtudes : *Corona capitis noſtri : coronam de lapide pretioſo, virtutibus ornato* : coroa precioſa neſta vida, mais precioſa na outra : *Quam mihi,& vobis, &c.*

LAUS DEO.





4,500



